

ILUSTRAÇÃO

N.º 198 — 9.º ano



Leopoldo
. de Belgique

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br....	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ...	5\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	3\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00 32\$40	60\$00 64\$80	120\$00 129\$60
Ultramar Português (Registada).....	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	63\$00 67\$50	126\$00 135\$00
Brasil.....	—	66\$00 75\$00	132\$00 150\$00
Outros países (Registada).....	—	75\$00 84\$00	150\$00 168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACABA DE SAÍR:

ALEXANDRE HERCULANO

**SCENAS DE UM ANNO
DA MINHA VIDA**

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de **Victorino Nemésio**

1 vol. de 324 págs., broc. **12\$00**
enc. **17\$00**

Pelo correio à cobrança, mais **2\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL**



**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



*Contra todas
as dores*

Cafiaspirina

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte—(2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$50

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valôres, estuda a figura de um homem, espécie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que atrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$50

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcoy (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$50; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Laerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Acaba de saír

A 6.ª EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da terra portuguesa, escrito com mais linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado 12\$00
encadernado 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro

Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00

encadernado 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

À venda a 4.ª edição

TERRAS DO DEMO

ROMANCE

POR AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado 12\$00

Encadernado 17\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática
 COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS
LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente
No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.ª EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00

Encadernado 15\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00

Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

**Rua da Condessa, 80
 LISBOA**

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.189 paginas

Brochados 30\$00

Encadernados 45\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O novo livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontável, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à MARIA BENIGNA uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . . Esc. 12\$00
Encadernado. Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Senhoras Portuguesas

A nossa Companhia tem uma existência de quasi um seculo, e um nome muito respeitavel, para vos fazer uma afirmação que não seja a expressão da verdade. Queremos dizer-vos, sob a nossa honra, que a



MAIZENA DURYEA

que ha mais de 70 anos vendemos em todo o Mundo, é o producto mais puro, mais alimentar, que podeis dar aos vossos filhos, aos vossos doentes e a pessoas idosas.

A sua rapida assimilação no estomago mais juvenil ou mais delicado tornáram-na celebre nas 5 partes do globo. Milhares de creanças se fizeram fortes e sadias com o seu uso, e milhares de medicos a recomendam ha 70 anos como um alimento ideal, pelo seu valor nutritivo.

A MAIZENA é extraída do milho, por processos scientificos nossos, e por isso possui todas as suas particulas nutritivas—gluten, proteínas, e 89% de hidratos de carbono. Um kilo de MAIZENA possui 3.550 calorias. É deliciosa ao paladar e todas as creanças a apreciam, não se cançando de a comerem.

A MAIZENA DURYEA é tambem o alimento mais economico que se conhece e V. Exa. ao mesmo tempo que vê o seu filho crescer robusto e sadio, sentirá a conveniencia de não dispender centenas de escudos com productos caros, em nada igualaveis com a economica MAIZENA DURYEA.

A fama da MAIZENA tem feito surgir infinitas imitações. Não faça caso do que lhe disserem e regeite-as—se não quere pôr em risco a saúde de quem as usar.

A MAIZENA tem a mais larga applicação na confecção de doces, puddings, biscoitos, etc. Damos, gratis, um livro de cozinha, com receitas deliciosas e variadas, a quem no-lo pedir.



CARLOS DE SA PEREIRA, Lda.
Rua dos Sapateiros 115, 2º, LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome
Morada
Localidade
Port.3

Acaba de sair a nova edição do

Desenho de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

1 volume de 344 páginas, 283 gravuras e 91 estampas. Encadernado em percalina, Esc. 30\$00.—Pelo correio à cobrança, Esc. 32\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE

DA LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

N.º CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

O MESTRE POPULAR OU O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A jovem República Espanhola aparece atacada de um mal bastante vulgar em crianças da sua idade. Chama-se espasmofilia em linguagem afiabrada de médico, convulsões na que toda a gente entende.

Quando a menina nervosa come demais ou fora de horas, usa de alimentos complicados, ou é atacada de vermes intestinais entra em tremuras despropositadas que aterram a família e lhe fazem crer em risco iminente. Chama-se a correr o doutor que pronto vê do que se trata, recomenda calma, aplica um banho, um clister e termina com discurso confortativo sobre profilaxia.

Diz que é preciso cautela com as comidas dadas à pequena. Nada de excitantes, nem de tempêros exquisitos.

A simpática espanholinha está nessas condições, cercada de médicos que sorriem do susto causado por tanto estrebuchar.

As tias velhas que ao lado contemplam o espectáculo afixam que não é nada de grave e os acidentes vêm apenas de a criança ter comido caviar russo que não pode digerir e terminará por causar-lhe diarreia ou vômitos.

De facto aquilo com umas purgas e dieta apropriada remedeia-se depressa. Também lhe aproveitará o isolamento e repouso longe do alarido feito pelos grulhas que se juntam em sua casa a falar, com discursseiras sem préstimo nenhum.

Não pode ser outro o conselho dos sábios, senão mudança de alimentação e silêncio. Faz muito bem às crianças êsse regimen. Mesmo as raparigas espigadas se dão bem com êle.

A portuguesa também padecia da tal espasmofilia. E caso foi que retirada da influência dos palvreadores melhorou consideravelmente.

Pior vai a França. Atacada de febre e depressão nervosa causa receios aos parentes.

Atribui-se a infecção causada por vírus dos mais tóxicos que se conhecem, vem a ser a simbiose do "bacillus politicus," com o "finançarius," à qual o organismo mais forte não consegue resistir.

Longe vá o agouro de supôr um desenlace fatal.

Seria estúpido admiti-lo.

A suspeita consiste em descrever da medicina até hoje aplicada. Reconhecer-se-á a necessidade de mudar de assistente para alterar o regimen que, mal orientado, exacerba a virulência do microbio. E depois disso a França sairá curada e vigorosa, com a mocidade de novo em realce.

O que não impedirá de passar um mau bocado antes de reconquistar a saúde.

CRÓNICA DA QUINZENA

Considera-se averiguado que o dr. Doumergue, chamado á pressa, não se entendeu com a molestia. Limitou-se a usar de medicina espectante, quando tudo indicava que se deveria empregar os revulsivos, senão a cirurgia.

Como amigos do coração seguimos com anciedade a evolução da doença, esperançados em que não tardará a intervir a mão firme geralmente desejada por quantos se interessam pelo bem-estar do simpatico enfermo.

Confia-se em que por todo êste ano a França, neste momento em transe de amargura, volte a ser a doce França de sempre.

De vez em quando os portugueses praticam actos nunca vistos, de causar o assombro de quem os observa.

Montam numa passarola de bazar, atravessam o Atlantico e pousam no Brasil. Pegam num orçamento avariado, com mais de um século de desequilibrios e concertam-no em poucos menses.

Ninguém o admitia possível antes de realizado. Também agora onse jogadores de bola partem para Madrid e conseguem o inacreditavel resultado de 9 a 0.

É a primeira vez que no mundo se regista uma vergonha destas proporções, grande a ponto de poder vexar até os vitoriosos.

O jogador espanhol estava no direito de supor que lhe mandaram um grupo de inexperientes, por caçoada, dado não se admitir que tais competidores se escolhessem a sério para disputar um concurso apresentado em bases normais.

Não o julgará assim e limitar-se-á a chufar, cheio de razão com o país que por aquele modo se apresenta.

Ora aqui é que nos doi. Por muito que os espiritos fortes queiram mofar do corporativismo êle existe como realidade iniludível. E tanto que mesmo no bolapé foram os portugueses corporizados que ficaram sem prestígio, reduzidos a lama perante os espanhóis.

Fica-nos mal supor que a pessoa colectiva com o seu brio, a sua dignidade, melindre próprio não tem nada com êstes divertimentos do pontapé.

O senso comum ensina o contrário. Por isso é que o uso do título e até das

côres nacionais exige a obediência a protocolo adequado.

Admite-se que um grupo se apresente em nome de qualquer clube e proceda então como lhe agrade, faça as figuras que a veneta lhe peça. Não se admite que certo número de estrolas que a si próprios se atribuem categoria de selectos, partam para o estrangeiro com o nome de Portugal a cobri-los, jogando, ou fazendo seja o que for, como seus representantes. Nem o futebol, nem a medicina, a literatura, ou a tauomáquia podem estar à mercê de quem se lembre de apresentá-la como nacional. Uma coisa é um médico, ou um futebolista português, outra coisa é uma missão de médicos, ou um "team," de Portugal.

A diferença é muito importante e tem de ser considerada. Quer diser que precisa de sugar-se a vigilância.

Daqui por diante, segundo os factos indicam, há que obrigar ao porte de uma credencial todo o que pretender usar do nome colectivo para qualquer fim.

Basta de vexames como o sofrido em Madrid no último domingo.

Mesmo que tenhamos de constituir uma "Casa de Futebol," no género da criada para o vinho do Douro, escolhida como única depositária do nome, ensovalhos daqueles têm de desaparecer e nunca mais se repetirem.

A assemblea dos animais reunida na Rotunda e presidida pelo seu rei com assistência do Marquez, por secretário, lembra um parlamento dos mais fecundos em asnidades. Há mesmo quem proponha chamar-lhe o asneário de Lisboa, ou compêndio das maiores que se têm inventado em pedra e bronze desde Homero.

Ficaria uma espécie de cancionero para mostrar aos vindouros a altura a que subiu a demência de duas gerações.

Cada vez que se folheia a obra monumental descobre-se uma nova e imprevisita idea ainda não notada. Aqui temos uma que o acaso deparou.

À frente a picar direito ao Tejo aparece um bote que leva à prôa a cabeça da República com seu barrete simbólico.

Posta a concurso a interpretação da singularidade ficou-se desconfiado de que o Marquez fôra do partido e a prova está na morte dada aos Tavoras e duque de Aveiro, só por mero acaso não aplicada ao próprio D. José. A célebre conspiração era movida por êle como republicano sanhudo.

Custa a decifrar por outro modo a charada. De certo e seguro pode assentar-se em que para jogar o futebol, ou para estatutários não nos fadaram os deuses.

Samuel Maia.



O rei Leopoldo III

as crianças das escolas e os antigos combatentes. São milhares de alunos dos estabelecimentos de ensino primário e secundário e de homens que lutaram denodadamente contra o invasor germanico, na defesa da sagrada independência do país.

As oito horas o transito é já impossível mesmo para os representantes da Imprensa. A multidão forma uma massa compacta, impenetrável, em torno da residência real. As bandas de música espalham nos ares acordes festivos que se misturam aos toques de clarins. Passam contingentes de tropas que vão tomar parte no cortejo. A porta do palácio começam a reunir-se as autoridades civis e militares que acompanharão o rei no seu triunfal desfile através Bruxelas em festa.

São nove horas e meia. No cimo do palácio, ante os olhares ávidos da multidão que enche a praça fronteira ao castelo de Laeken, um soldado agita num gesto largo uma bandeira branca. Há um silêncio cheio de ansiedade a que o ribombar da primeira salva de artilharia vêm pôr fim. Os sinos enchem o ar com seus repiques constantes. O rei assoma á porta do palácio e o povo irrompe numa manifestação delirante, que não cansa, que não se interrompe e que dura algum tempo ainda depois do rei desaparecer.

As 9,40 horas o cortejo põe-se a caminho. Abre a marcha um esquadrão de cavalaria. O rei vem montado num cavallo. Veste o uniforme de tenente general, chefe supremo do Exército. Ostenta ao peito a grã-cruz de Leopoldo. Seguem-no o príncipe Carlos, altas individualidades e dignitários da Corte.

A multidão que enche as ruas, as janelas, os telhados, todos os pontos enfim donde é possível ver passar o cortejo, dispensa ao novo soberano ovaçãoes triunfais em que se exprime a sua certeza de que Leopoldo III será um digno sucessor de Alberto I. O entusiasmo alastra á medida que o cortejo avança. Precede-o mesmo porque a multidão presentindo a aproximação do rei e mesmo antes de o ver, já o aclama, agitando freneticamente lenços brancos e pequenas bandeiras com as cores belgas.

Das janelas cai ininterruptamente uma chuva de flores sobre o rei, cujo rosto grave e contrariado apresenta ainda vestígios bem fundos da dor imensa que o torturou nos últimos dias, ao mesmo tempo que reflecte uma tranqüilla firmeza e força de vontade.

O entusiasmo nem por um momento esfria. E um brado soldado por milhares de bocas ressoa e «viva-o rei» sem cessar.

«O Rei!»
A manifestação tem um caracter mais tipicamente popular nas ruas que formam o bairro de Santa Catarina e junto ao antigo Mercado dos Cereais. Ao passar em frente da igreja de Laeken, onde

A caminho do Parlamento, a rainha Astrid, seu pai, o príncipe Carlos da Suécia, a princesa Josefina Carlotta e o príncipe herdeiro Balduino, que se vê através da janela



Rei morto... rei posto

A histórica cerimónia da proclamação de Leopoldo III o novo rei dos belgas

desde o dia anterior repousa o cadáver do seu pai, o joven monarca não retém um soluço. A multidão que tem os olhos cravados nele compreende a sua comoção e acompanha-o respectivamente nesse momento de dor. Há lágrimas em muitos olhos.

Na praça Brouckere, que pode ser chamada o «Forum» de Bruxelas, a manifestação assume caracter de apoteose. A imensa praça forma um só bloco humano que se agita com delirante entusiasmo. O rei, manifestamente emocionado, saudá militarmente para a direita e para a esquerda.

Daí até á igreja de Santa Gudula, o cortejo atravessa velhas e típicas ruas onde o povo se comprime. Em seguida passa defronte do Palácio da Bela Vista, residência do actual soberano depois do seu casamento com a princesa Astrid da Suécia, entra na rua Royal, onde uma companhia de caçadores de Ardenhes lhe presta honras militares e desemboca por fim na rua da Lei onde está situado o Palácio Nacional.

Entretanto a rainha Astrid, que saíra do Palácio da Bela Vista ás dez e um quarto, dirigia-se também para o Parlamento. Quando a joven soberana, trajando de preto e levando pela mão os príncipes Balduino e Josefina Carlotta vestidos de branco aparece aos olhos ansiosos da multidão que a aguardava, foi acolhida com uma carinhosa e fremente ovação. O povo belga adora a nova rainha pela sua fascinadora beleza e pela tradição que soube conquistar de esposa modelar e mãe extremosa.

Durante o trajecto o príncipe Carlos da Suécia sentou-se em frente da rainha Astrid, que continuava ladeada por seus filhos. Seguiam-na em carruagens o príncipe de Gales e outros membros de casas reais da Europa que foram a Bruxelas tomar parte nas cerimónias.

A rainha chegou ao Palácio Nacional cerca das 10,45 horas. O povo não cessava de a vitorear.

Entretanto, lá dentro, a vasta e sumptuosa sala das sessões tinha o ambiente dos grandes momentos históricos. Ao fundo um baldaquino de veludo púrpura, semeado de pequenos leões de ouro. Por baixo o trono encimado pela imagem dos reis belgas, «A união faz a força». Á esquerda, a tribuna real e em frente do trono, os assentos dos membros do governo. Por toda a sala, onde não há um lugar vago, as fardas e os dourados enchem o ambiente com uma aparatosa polichromia. A um lado a mancha escura dos deputados e senadores em traje de cerimónia. Ao alto as galerias e tribunas repletas de figuras marcantes na sociedade belga que lograram alcançar o difícil privilégio de ser admitidas a presenciar a histórica sessão.

Um pouco antes das onze horas o chefe do protocolo avança e anuncia com solenidade: — Sua Magestade a Rainha!

A nova soberana entra na sala conduzida por uma comissão de parlamentares que a foram esperar. Toda a assistência prorrompe numa calorosa manifestação que dura alguns minutos. A rainha Astrid agradece com um elegante movimento de cabeça e toma lugar na tribuna real. Á sua esquerda senta-se a princesinha Josefina Carlotta. Á direita há uma cadeira reservada ao príncipe Balduino. Mas o herdeiro do trono, a quem a grandeza da cerimónia causa medo, não quer sentar-se ali e corre a refugiar-se no colo da mãe. É preciso toda a inflexibilidade do mestre de cerimónias e os afaços persuasivos da mãe para o convencer a ficar ali. A primeira mostra-se inquieto, mas pouco a pouco vai familiarizando com o ambiente e por fim já corresponde com o agitar dos seus bra-

ços rosados ás ovaçãoes que a assistência faz a seu pai.

As onze horas exactas, o chefe do protocolo anuncia, ante a expectativa ansiosa de toda a gente que assiste á cerimónia.

— Sua Magestade o Rei!

E o soberano avança, serenamente, embora deixando transparecer a forte comoção que o domina. A assistência aclama-o durante muito tempo. Por fim quando o silêncio se restabelece, o novo rei pronuncia com voz calma o juramento determinado pela Constituição e cujos termos exactos são os seguintes:

«Juro observar a Constituição e as leis do povo belga, manter a independência nacional e a integridade do território».

Em seguida, o rei repete o juramento em lingua flamenga, depois do que se senta, lendo então no meio dum religioso silêncio o seu discurso de apresentação que é um notável documento de equilibrio e bom senso e que promete ao povo belga, na pessoa de Leopoldo III, um verdadeiro e hábil estadista.

Começa por se referir ao golpe trágico que o feriu e a toda a familia real e diz ter consciência das responsabilidades que assume neste grave momento histórico. Confirma o compromisso solene que tomou de respeitar a Constituição que compara a um pacto de confiança reciproca entre o rei e a nação. Presta homenagem ás virtudes dos reis belgas que o antecederam no trono em cujos exemplos diz querer inspirar-se.

Agradece depois em seu nome e no de sua mãe, ao povo e ás nações estrangeiras que se associaram ao luto da casa real, destacando os soberanos e chefes do Estado que deram á Bélgica a elevada honra de se incorporar nos funerais. Dirigindo-se ao Exército, promete-lhe a sua afeição, no que seguirá o exemplo de seu pai.

Fala em seguida do regime político que orienta os destinos da nação e diz:

«As instituições com que a Constituinte nos dotou, e que há mais dum século vêm dando as suas provas, são bastante largas e maleáveis para se adaptarem na ordem e na legalidade ás necessidades variáveis do tempo. O rei tinha dêsse facto uma profunda convicção e eu, a seu exemplo, estou também profundamente penetrado dísso».

Aborda o problema social e manifesta a sua esperança numa conciliação de interesses e numa estreita união dos corações. Com respeito ás questões colonias, afirma que a sua solução está estreitamente ligada á grandeza da pátria.

Salienta depois a importância da unidade nacional da Bélgica como factor do equilibrio europeu e termina por declarar com energia:

«Je me donne tout entier a la Belgique» (Dou-me inteiramente á Bélgica).

Após este notável discurso, as aclamações rompem de novo, mais vibrantes.

Os filhos dos novos reis da Bélgica fotografados há poucos meses: a princesa Josefina Carlotta e o príncipe Balduino, filho de Brabante herdeiro do trono



o rainha Astrid

tes do que nunca. Está terminada a cerimónia. A Bélgica, por intermédio dos seus representantes, elevou ao trono mais um soberano. Mas já antes disso, ele fóra proclamado rei pela alma popular, através da grandiosa manifestação que o povo lhe tributara.

O rei regressa em seguida ao palácio, no meio de formidáveis ovaçãoes. Na praça do Congresso, Leopoldo III detem-se ante o monumento ao Soldado Desconhecido, onde arde a lampada votada e guarda um minuto de silêncio em rígida posição de sentido. Continua depois a sua marcha e ao entrar no palácio leva a mão ao «kepi» e inclina-se perante os mutilados da guerra ali reunidos para lhe prestar homenagem.

Mas a multidão não dispensa e ante a insistência das aclamações, os jovens soberanos são obrigados a aparecer a uma das janelas do palácio, onde recebem durante algum tempo a manifestação delirante do povo.

Assim decorreu a grandiosa cerimónia que elevou ao trono o primogénito do saudoso rei Alberto I, em que o povo belga vê, com boas razões, um digno continuador da admirável obra da dinastia que o grande rei Leopoldo I iniciou.

Quanto á situação política com que o novo rei vai deparar ao assumir o poder, ela é, como bem se compreende muito delicada. Leopoldo III, que começa a revelar-se um político hábil e inteligente, não o ignora e pôs em destaque o facto no discurso a que atrás nos referimos, dizendo: «Não dissimulo a extensão nem a responsabilidade que, no momento em que foi infligido o



Leopoldo III fazendo a sua entrada real na cidade de Bruxelas entre alas compactas de povo

mais cruel dos sofrimentos pela morte de meu pai, assumo perante vós».

É assim é, de facto. Leopoldo III toma sobre os seus ombros, neste momento incerto da política europeia um bem pesado fardo de responsabilidades. A unidade da Belgica, conforme êle acentuou é penhor da paz na Europa, condição essencial do equilibrio entre as potencias. E não falta quem, até dentro da própria Belgica, pretenda quebrar a admirável harmonia da pequena nação do glorioso passado.

Nos últimos tempos, começou desenvolvendo-se na Belgica uma corrente de opinião, vazada nos moldes fascistas, cujos partidários são conhecidos pelo nome de «dinosos» ou «camisas verdes». Os seus objectivos são absurdos. No dizer do seu dirigente Joris van Severan os «camisas verdes» propõem-se criar uma nova nação na Europa e para a constituir servir-se-iam da Holanda, duma grande parte da Belgica e até duma pequena parcela do territorio francês. A justificar tão estranhas utopias, Van Severan diz:

«Criaremos uma sólida nação destruindo, em primeiro lugar todas as causas que a dividiram anteriormente. Voltaremos à história básica. Desaparecerão os fundos politicos, a luta de classes e o Parlamento dirigido pelo capitalismo. O povo flamengo converter-se-á num forte estado corporativo».

A organização «Dinasso», foi fundada em 1931. O numero dos seus filiados não vai além de 3.500. Diz-se que para a sua propaganda recebe auxílio económico dos nacionais-socialistas alemães. A sua influência é ainda restrita visto que o povo belga se manifesta hostil a toda a tentativa de introdução do fascismo. Mas por outro lado, a morte do rei Alberto e a perturbação política dela derivada vieram trazer certo estímulo a essa corrente de opinião.

Fácil é avaliar os perigos que a execução do

programa dos «dinosos» representaria para a paz mundial.

Assim o compreenderam os partidos políticos que logo decidiram abrir tréguas entre si, e unir-se em torno do poder real, garantia das instituições liberais.

A essa «frente única» não faltaram sequer os socialistas que, abandonando a sua atitude anti-monárquica dos primeiros tempos do reinado de Alberto I, vieram cerrar fileiras em volta do trono ameaçado para prestar a merecida homenagem ao que foi o mais democrático dos reis e assegurar a posse da corôa ao seu sucessor.

Em conformidade com isto, a comissão directiva do Partido Socialista deu o seu voto à declaração parlamentar, que constituiu a mensagem tradicional dos corpos legislativos ao novo monarca. Essa declaração foi lida, como saudação a Leopoldo III, logo

após êste ter prestado juramento como rei dos belgas. Exprime-se nesse documento a esperança de manter o rei e a Constituição.

A atitude do Partido Socialista deu ocasião a que fosse encarada a hipótese da sua participação no poder. No cumprimento dum uso tradicional, o governo apresentou a sua demissão ao rei, logo que êste subiu ao trono. Leopoldo III ratificou porém a confiança aos ministros de seu pai. Mas isso não evitará, num futuro breve, a crise ministerial, que as últimas discussões parlamentares sobre desarmamento tornaram já inevitável. A questão está pois em saber se os socialistas participarão no govêrno que vier a formar-se ou se preferirão manter a sua habitual atitude de opposição prudente. Certos elementos socialistas em destaque consideram a primeira hipótese absurda. Mas outros mostram-se reservados e admitem, em principio, que a participação se poderia estabelecer desde que o futuro govêrno assumisse o compromisso de realizar o plano de trabalho há tempo aprovado pelo Congresso Socialista.

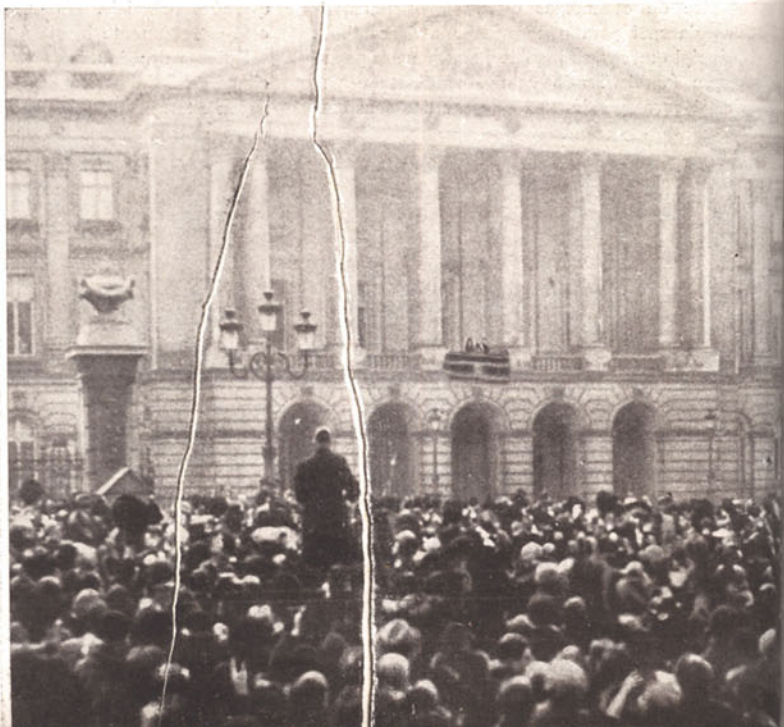
O certo é

Os novos reis dos belgas agradecem, da varanda do palácio real, as manifestações da população de Bruxelas

que o partido de Vandervelde não só se associou a tôdas as homenagens prestadas ao heroico «rei-soldado» como tem manifestado, de modo ostensivo, uma franca simpatia pelo seu sucessor. Uma das muitas provas dêsse facto incontestável encontramos-lo no artigo de «Le Peuple», abaixo transcrito. Sob o titulo «Retrato psicológico do novo rei», o importante órgão socialista de Bruxelas escreve:

«Diz-se do rei Alberto que era um verdadeiro presidente da Republica e que esta atitude democrática correspondia á própria natureza do rei. Isto foi-nos confirmado há dias por uma personalidade pertencente aos meios da côrte. Pedimos á mesma personalidade que nos traçasse tambem o retrato psicológico do novo rei. Eis fielmente roproduzido, pelo menos no espírito, o que ele nos disse:

«O rei Alberto velava cuidadosamente a educação de seus filhos, que, por sua vez, se tinham habituado a ver nêle a grande árvore à sombra da qual viviam. Parecia-lhes, e tinham todas as razões para o crer, que essa árvore não seria tão depressa desenraizada. Não há dúvida de que um reviramento súbito da sorte surpreendeu e inquietou grandemente o príncipe Leopoldo, e isso tanto mais quanto é certo que a sua herança é notavelmente pesada. Durante o seu longo reinado, o rei Alberto adquirira, engrandecido ainda pela guerra, a figura dum dos chefes de Estado mais estimados no Mundo inteiro. Três dias de luto provocaram já, todavia, no novo rei uma profunda transformação no seu físico, que pode, sobretudo, fazê-lo considerar como um «prince charmant», mas quem se fiar nesse aspecto exterior enganar-se-á, com certeza. Todos quantos se têm aproximado dêle notam-lhe já a serenidade e a prudência que caracterizavam seu pai, traços do seu carácter e o hábito já adquirido de considerar todos os problemas, não sobre o ângulo da actualidade, mas sob o da continuidade. O rei Alberto tinha por costume inculcar-lhe o preceito de que um rei não deve preparar-se para fazer qualquer coisa no seu reinado, mas que é necessário preparar o futuro do povo. Ensinou também a seus filhos, e, principalmente, ao príncipe Leopoldo, a ver todas as coisas na sua origem e as suas conseqüências. Leopoldo tem ainda de comum com seu pai esta tendência: só o conhecimento profundo duma



coisa o apasiona: palavras não lhe bastam. Prefere antes ouvir a opinião dos técnicos, seja qual for a matéria de que se trate, e isto é, talvez, o resultado inesperado da educação especial que recebeu. Leopoldo, com efeito, recebeu, por motivo da missão que devia desempenhar à frente da Bélgica, uma cultura geral. Isto parece ter provocado nele o receio de não conhecer nenhuma matéria a fundo, e, por efeito de reacção, dedicou-se, então, a aprofundar todos os estudos que havia feito».

Max, antigo burgomestre da cidade de Bruxelas, saudou o novo soberano no dia da sua proclamação, com a seguinte alocução repassada de íntimo sentimento:

«Senhor: Vossa Magestade compreenderá a comoção que me estrangula neste minuto, que me é impossível não comparar àquele em que, há cerca de 25 anos, em nome da capital, saudei a aurora do reinado que uma fatalidade trágica acaba de fazer findar e que deixa atrás dele tantas recordações gloriosas, numa irradiação de heroísmo de incomparável grandesa. Toda a nação sentiu profundamente esse golpe cruel e Vossa Magestade pôde verificar com que sinceridade a população de Bruxelas se associa à sua imensa dor. Com a mesma unanimidade de sentimentos o país sauda hoje o seu novo soberano. Interprete dos meus concidadãos, tenho a insigne honra de oferecer ao rei a expressão extrema da firme confiança com que eles acolhem sua ascensão ao trono.

«No momento em que o juramento constitucional vai fazer de Vossa Magestade o árbitro dos nossos destinos, a população aclama um príncipe que mereceu sempre a sua afeição respeitosa, pela dignidade da sua vida e pela constante preocupação de se preparar para a alta missão que devia um dia caber-lhe. Essa missão encontra nele um digno continuador de uma dinastia que, sendo a fiel guarda das nossas instituições, assegurou a vitalidade e a prosperidade do país, criou o vasto império colonial e salvou, por duas vezes, a independência da Bélgica. Vossa Magestade continuará essa obra grandiosa, de que recebe herança. Certos de ver realizadas as promessas, que fulgem para nós, no futuro, todos



os corações verdadeiramente belgas se unem e, pela minha voz, traduzem neste grito as suas mais caras esperanças: Viva o rei!»

Viva o rei! — gritam os deputados belgas, à entrada do palácio de Laeken, para Leopoldo III

vontade e meritos. Que ele possa ter sempre também orgulho nos seus soldados. Viva o rei!»

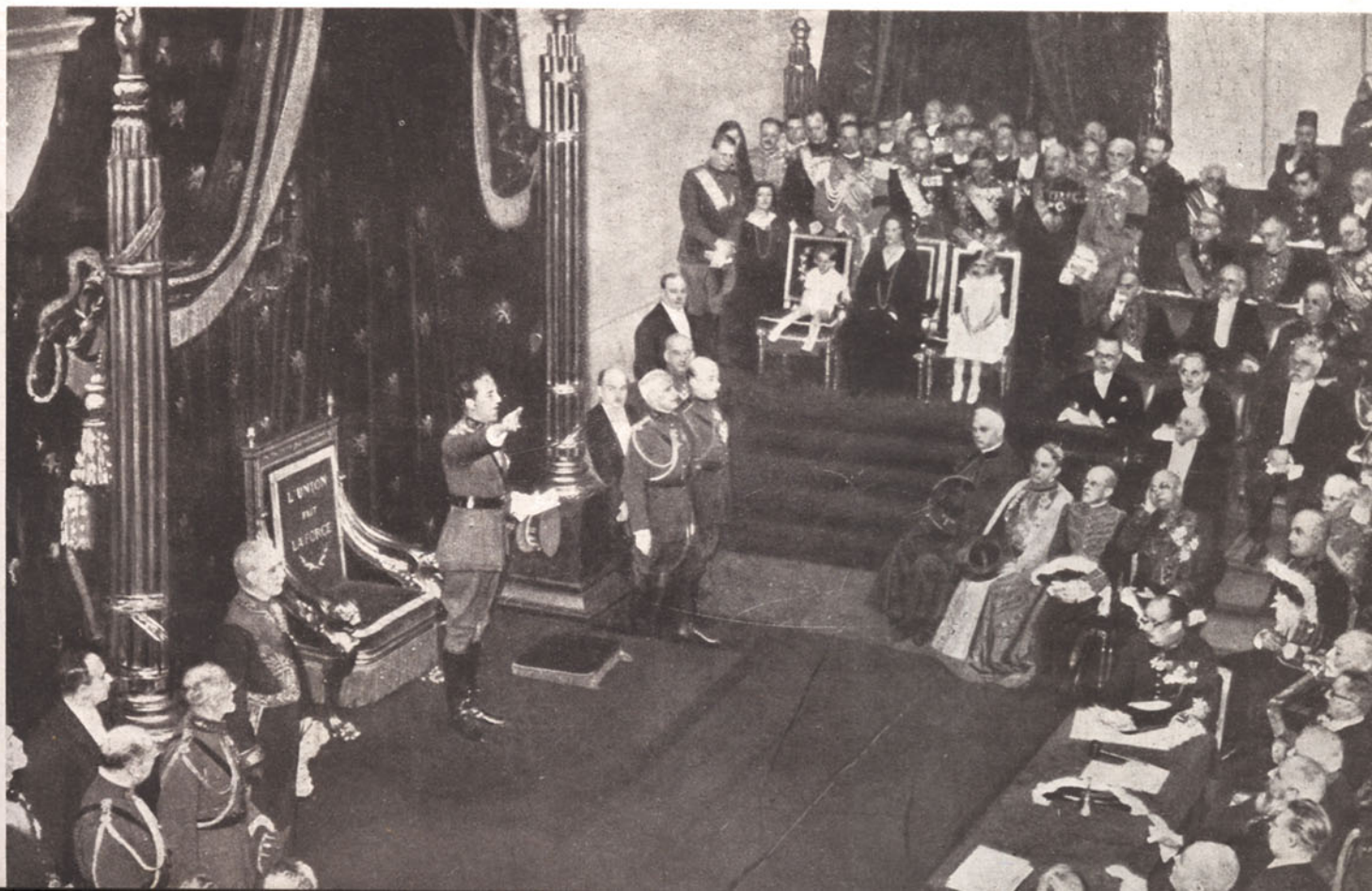
Por ser particularmente expressivo, reproduzimos a seguir a Ordem do Exército, publicada pelo ministro da Defesa Nacional, Deveze, no dia da coroação do novo rei dos belgas:

Por sua vez, os ministros dirigiram à rainha viúva a seguinte mensagem:

«Sua Magestade o rei Leopoldo III prestou hoje, perante as Camaras reunidas, o juramento de observar a Constituição e as leis do povo belga, de manter a independência nacional e a integridade do territorio. O Exército está ás ordens do rei, seu chefe supremo. Deve-lhe ser crêdor de tudo quanto se liga ao dever militar, à sua disciplina inflexível, à sua coragem diante do perigo, à sua fidelidade. O Exército oferece-lhe tudo isto, como amor e respeito. O rei Leopoldo III não é, somente, o herdeiro da gloria imortal de seu pai. Foi também durante a campanha o mais novo dos nossos voluntarios de guerra, soldado do decimo segundo regimento de linha. Fez sob fogo o serviço das trincheiras. Usa legitimamente o nobre titulo de antigo combatente. O Exército sente-se orgulhoso dele e da sua firme

«Senhora: Os ministros de Estado, que foram designados nessa qualidade pelo rei Alberto, que puderam apreciar directamente, em tantas circunstâncias, a admirável devoção pelo país, de que não cessava de dar exemplo, considera como um dever vir inclinar-se, com profundo respeito, diante da dor de Vossa Magestade. Possa essa dor imensa que é sentida por toda a nação, encontrar um pouco de lenitivo na universalidade e na sinceridade dos louvores que cercam uma memória para sempre glorificada. Sabemos qual a parte que Vossa Magestade tomou, com todos os recursos do seu coração e da sua inteligência, na irradiação dum reinado que tanto engrandeceu o prestigio da Bélgica. Estamos certos de traduzir o sentimento público, afirmando a Vossa Magestade que o duro golpe, que tão bruscamente a feriu, só fará aumentar a dedicação e a gratidão infinita que lhe guarda toda a nação. Pedimos a Vossa Magestade se digne aceitar a homenagem do nosso respeito, da nossa comoção e da nossa profunda dedicação.»

O rei Leopoldo III prestando juramento perante as câmaras reunidas. Ao fundo, veem-se, sentados, a rainha e os príncipes e, de pé, os príncipes das casas reais



O luto envolve em crêpes uma das rainhas mais admiráveis que tem reinado na Europa. A sua dor comove todas as mulheres, porque todas sentem a enorme dor, que com o seu péso a esmaga.

A rainha da Bélgica é a mais conhecida das rainhas. Conhecida pela elevação da sua alma, pela grandiosidade do seu espírito e pela sua abnegação. Isabel da Bélgica foi a companheira escolhida, a que tinha de o ser, do rei Alberto I do rei soldado, do rei que acima do bem estar material do seu povo, e do seu próprio, poz a honra do seu país, oferecendo-o em holocausto, à lealdade e ao dever. Este homem de carácter íntegro, tinha como esposa a mulher que merecia. Isabel da Bélgica soube como rainha impôr-se ao respeito do seu povo e como mulher ao respeito e à admiração do mundo inteiro. Como esposa foi um modelo, como mãe é para desejar que todas as mulheres que são mãis, a imitem, como rainha esteve sempre à altura do seu alto cargo, e, não sendo duma grande robustez sacrificou-se como uma enfermeira, ao lado do seu povo vitimado pela lealdade, exemplo de todos os povos. O rei Alberto foi o rei soldado, a rainha Isabel foi a rainha enfermeira, como mulher não podia combater ao lado de seu marido, mas podia tratar, amparar, consolar os seus súbditos, sacrificando-se por eles como eles, se sacrificavam pelo seu país e pelo seu Rei. Isabel da Bélgica tem nas veias sangue português e fala a nossa língua. Sua avó era a infanta D. Antónia, filha da rainha D. Maria II, essa linda infanta que longe de Portugal conservou sempre a saúde do seu país de origem, legando a seus filhos e netos o amor da sua terra natal. E tem a rainha talvez do seu sangue português o tradicional amor da mulher portuguesa, ao seu lar, ao seu marido e aos seus filhos. A sua vida conjugal foi um modelo. O rei seu marido compreendeu a sua grande alma e até ao fim da sua vida, teve pela rainha, pela esposa que amava, o maior respeito e a maior estima e consideração. Isabel da Bélgica dedicara-se corpo e alma ao seu marido e rei. Compreendia-o e ajudava-o na sua difícil missão de reinar. Suavisava-lhe as horas amargas, e tantas e tão duras são elas, na vida daqueles a quem Deus destinou para o mando. E deu-lhe as mais suaves e puras alegrias no seu lar, que a sua inteligência iluminava como um farol ilumina o mar, amparando com a sua luz os navegantes e mostrando-lhes os perigos, deu-lhe três filhos perfectos de corpo e de grande alma que foram o enlêvo do grande rei, que viveu para o seu povo e para a sua família, que era a verdadeira família patriarcal, e não o que hoje se está fazendo da família. Uma família em que os pais se amavam e compreendiam e que aos filhos dedicavam todo o afecto, sendo por eles correspondidos com o mais profundo carinho e o maior respeito, e é esta uma das grandes bases da família: O respeito pelos pais. Não há mãe mais extremosa pelos seus filhos, do que esta rainha tem sido e na sua vida de soberana, sempre tão ocupada e preenchida, ela teve sempre tempo para dedicar aos filhos, para vigiar a sua educação, a sua instrução, a sua saúde, como o pode fazer qualquer mãe, que na sua vida não tenha outra ocupação. A rainha é que ensinou

UMA RAINHÃ e uma grande alma



A rainha Isabel da Bélgica

seus filhos a rezar, era ela quem vigiava os seus estudos, musicista apaixonada e violinista distinta, foi ela quem ensinou música a seus filhos. E era um encanto ver os principinhos tocando com sua mãe.

Depois vieram as horas terríveis da guerra e da invasão e esta mãe extremosa não hesitou, mandou para a Inglaterra os seus filhos, pô-los ao abrigo do perigo, e, ela ficou ao lado do esposo, ficou como enfermeira, mas enfermeira a valer, tratando os feridos sacrificando a vida se preciso fosse, para amparar esses, que seus filhos considerava também, e que pelo país morriam. E quando aos 14 anos seu filho mais velho hoje o rei Leopoldo III quis ser alistado no exército para

combater como os soldados de seu pai, ela advogou junto do Rei o pedido do seu filho. Tinha-lhe o mais entranhado amor mas preferia sacrificá-lo a que ele fosse um covarde e o seu espírito

compreendia, que esse que seria mais

tarde rei, se visse, tinha que sofrer ao lado dos pais que pelo país sofriam. E são

mães assim, que fazem os grandes homens e o novo Rei tem de ser

alguém na história do seu país porque foi criado e educado

por pais que cumpriram gloriosamente o seu dever e que

o ensinaram desde sempre a cumprir o seu. Essa mulher que todos os dias e a

todo o momento assistia aos estragos horríveis,

que a guerra fazia nos homens que, tratava por

suas próprias mãos as mais dolorosas feridas.

e, que sendo um terníssimo coração de mãe,

encontra na sua alma coragem para ajudar seu

filho, uma verdadeira criança, a lançar-se na

fornalha infernal onde se ficava e de onde tantos

saíam desfigurados para toda a vida, é mais

do que uma heroína: é o sublime símbolo do dever.

E hoje que essa mãe admirável e essa esposa modelar;

sofre um tão duro golpe no seu coração tão estremo, e,

que dum momento para o outro vê desaparecer, em pleno vigor,

moço ainda o seu marido, o seu companheiro, o seu rei, a sua

coragem, ampara-a ainda como uma couraça de aço e ela encontra no seu

organismo um pouco cansada e doente, ainda forças, para assistir ao funeral de seu

marido acompanhando-o até ao fim, e, à coroação de

seu filho, mostrando-lhe assim que no momento em que

ele começa a sua vida pública, numa época de incertezas e

dificuldades, ele terá sempre junto de si sua mãe, enquanto tiver

fôrças e vida para o acompanhar, embora o seu coração

sangre, sob os rudes golpes do destino. E, no entanto, ela sabe que a nova rainha, que hoje ocupa o

logar que lhe pertencia, será para o seu filho, o que ela foi para seu marido.

Foi Ela quem, com a sua intuição de mãe, a escolheu para o seu filho, foi Ela que os pôs em contacto, porque a felicidade de seus filhos foi sempre

a sua preocupação constante. Hoje, que ela vê findar a sua missão oficial, embora a da sua alma continue, nós mulheres portuguesas, devemos

inclinar-nos deante duma figura sublime, juntamente com as mulheres de todo o mundo, e prestar-lhe a homenagem do nosso profundíssimo

respeito e a das nossas lágrimas, pelo golpe tão duro que sofreu. Admirando-a e vendo nessa rainha, que tem sangue português, um modelo para todas as mulheres e um vulto da história a respeitar e a venerar.

Maria de Eça.

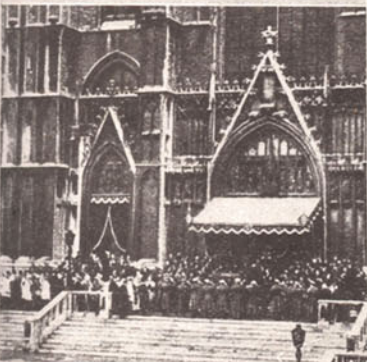
ASPECTOS DO FUNERAL do rei Alberto da Bélgica



A câmara ardente durante o turno dos oficiais superiores do exército belga que entraram na guerra de 1914

EM CIMA, À DIREITA E À ESQUERDA: Desfile dos antigos combatentes belgas e das delegações de todos os exércitos aliados, perante a urna que contém os restos mortais do rei Alberto, que esteve exposta no portão principal do palácio real

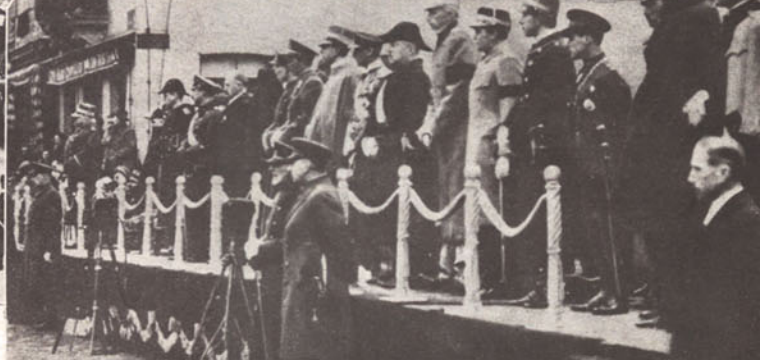
← Os marinheiros franceses passando em frente do feretro real



EM CIMA: A porta da catedral — A multidão assiste ao cortejo fúnebre — Atrás do feretro seguia o cavalo de Alberto I

AO LADO: O rei Boris, o príncipe Humberto de Itália e o presidente Lebrun no funeral

EM BAIXO: Os representantes dos países estrangeiros assistindo ao desfile das tropas e a passagem dos marinheiros ingleses



PARA melhor nunca se vai, diz o ditado "Atrás de mim virá quem bom me fará."

Não há nada mais certo. Se o presente é mau, cheio de lutas e de mágoa, tenham a certeza de que o futuro é ainda peor.

O remédio é enchermo-nos de resignação para sofrer os males que hão-de vir, e de coragem para os afrontar.

Não devemos ser optimistas em absoluto, para não nos sujeitarmos a desilusões, mas o pessimismo exagerado não é de aconselhar, em caso algum.

É preciso navegar entre as duas zonas, a côr de rosa e a negra, para não nos deixarmos deslumbrar por uma, nem devorar pela outra.

Este estado de espírito é difficilimo de manter, porque, às vezes, lá vem uma aura de ventura, quasi sempre enganosa, que nos muda os vidros do prisma, dando-lhe as côres várias e berrantes da vitória, e, outras, as decepções pesam sobre nós, tão cruelmente, que só os tons sombrios da descrença envolvem completamente o nosso horizonte.

Como se diz na *Canção de Lisboa*, todos nós temos na vida uma ilusão mais querida, uma ilusão de amor.

E bem sabemos que de tôdas as ilusões é esta a que menos dura — a do amor, sendo a que mais pode adoçar-nos a existência.

Há outras ilusões igualmente falsas — a da amizade, a da glória e da fortuna.

A da amizade devia poder vencer todos os escolhos, devia poder atravessar pântanos e silvados, sem se manchar de lama e sem rasgar nos espinhos a sua veste de pureza; porque devia pairar sempre alto, sem roçar pela misérias da vida.

Mas há poucas almas que saibam vigia-la de perto e mante-la ao alto, e a pobre despedaça-se contra a mentira e a traição.

As outras duas são mais contingentes ainda, porque não dependem, como a amizade, duma vontade pessoal unicamente.

Pode haver talento, pode haver força no querer e na aspiração de ser alguém, que esse talento e essa energia são quasi sempre — e só o não são em casos excepcionais — entravados pela mediocridade de qualquer "Ninguém," com padrinhos e sorte.

Tanto assim que há nomes impostos desta maneira que o povo não reconhece, porque é esperto e não se deixa cegar pela poeira doirada do elogio fácil.

Um principio de ano bastante trágico...

A da fortuna, essa então, é cheia dos mistérios insondáveis do destino.

Há quem trabalhe de sol a sol e nunca consiga amealhar uns magros cobres para uns dias de desemprego, e há quem de qualquer transação em que se meta tire lucros formidáveis.

Eu creio, afinal, que ao vir a este mundo todos trazemos a marca invisível do nosso degrau social — pobreza, mediocridade, fortuna. E não há evasão possível das cadeias do destino.

Contra tôdas devemos armar-nos, sem nunca predizer a derrota, para não estragarmos o prazer efêmero do minuto que passa. Quando a má sorte chegar, é tempo de sofrer, e então a resignação e cora-

essa figura prestigiosa que a História guardará eternamente.

Outras vidas preciosas foram ceifadas neste escasso trimestre novo, e Portugal tem que recordar piedosamente, pelo seu valor e pela morte cruelíssima, uma trindade gloriosa — Brito Pais, Rodrigues Alves e Avelino de Andrade, os três aviadores que perderam a vida, quando da vida procuravam a mais deliciosa paragem, o espaço imenso da aboboda azulada, onde há pouco só as aves singravam, e como águias feridas vieram tocar o solo com suas azas quebradas e sangrentas.

Que em nossas almas a sua recordação perdue carinhosamente.

Mas não é só em acontecimentos catastroficos de ordem material que este ano tem sido pródigo em demasia, como querendo bater o *record* dos seus antecessores, que nunca foram bons de todo, porque a desgraça acompanha o mundo desde a criação.

As almas também são agitadas com frenesi, e o resultado da sua inquietação tem para todos os povos conseqüências que não são menos dolorosas do que um naufrágio, um descarrilamento ou um tremor de terra.

Veja-se o que sucede em Paris, por exemplo, onde o caso Stavisky foi a fásca que deitou fogo ao rastilho da bomba do descontentamento que crescia dia a dia.

As dissidências políticas ainda não são de assustar. O peor é que o povo, o bom povo francês, largou o estribilho da cançoneta em voga e veio para a rua dar expansão ao seu mau humor.

E houve algazarra, houve gritos sediciosos, houve sangue e houve mutações á vista devéras curiosas.

Esta, por exemplo: Enquanto nos "boulevards," os tiros se cruzavam desesperadamente, num café da "rue Royale," homens de casaca e mulheres em vaporosas "toilettes," erguiam brindes e riam contentes.

De repente, entram na sala os feridos da refrega que lá fora seguia cada vez mais accessa, e as mezas transformam-se em catres e os alegres convivas abafam na garganta a última explosão de alegria e fazem-se enfermeiros do hospital improvisado, mostrando mais uma vez, que o francês sabe tomar para cada caso a atitude propria, quer se trate de futilidades galantes, quer de obras de inteligência ou de enterrecida caridade.

Mercedes Blasco.



Durante os disturbios ocorridos em Paris, na praça da Concorcía, (Desenho de Manoff) na noite de 6 de Fevereiro, o restaurante Wihes da Ruz Royale transforma-se em ambulancia

gem nos ajudarão a suportar os máus bocados de que está cheia a nossa sina.

Os franceses chamam "série noire," à sucessão de desventuras que caem sobre cada um de nós.

E essa série negra não se limita unicamente a distinguir indivíduos isolados, mas colectividades e nações também com uma persistência que assusta.

Este ano de 1934, ainda tão moço, tem sido mimoseado pela desgraça generosamente, a ponto de poder ser apelidado de ano trágico.

Por todo o mundo, desastres e catastrophe cósmicas espalham o luto nos corpos e a desolação nas almas, e figuras de alto coturno têm sido presas damorte.

A Bélgica perdeu o esteio firme e poderoso — invencível diremos — do seu rei —

O serão de arte em homenagem à declamadora brasileira Margarida Lopes de Almeida

Em honra da ilustre declamadora brasileira, sr.^a D. Margarida Lopes de Almeida, efectuou-se no Salão de Festas do jornal «O Século» um interessante serão de arte. A iniciativa da festa pertenceu à sr.^a D. Maria Lamas, distinta escritora e directora do «Modas e Bordados».

Depois do sr. João Pereira da Rosa, director do «Século», ter feito um pequeno discurso de saudação à notável artista brasileira, usou da palavra o ensigne escritor sr. dr. Júlio Dantas, que proferiu uma notável conferência sobre a aproximação espiritual luso-brasileira. Falou da poesia, e do seu papel, hoje, na sociedade. Depois de ter proclamado a homenageada como benemérita da língua e da literatura portuguesa, referiu-se à atitude da Sociedade das Nações, ante a poesia. A oração do eminente homem de letras foi muito aplaudida. Em seguida, a sr.^a D. Maria Lamas leu, um primoroso prólogo, em verso, intitulado «Uma hora de poesia». Cristovão Aires, apresentou depois à assistência os poetas e poetisas que disseram versos. Foram eles: Alberto Bramão, Augusto Santa Rita, Tomaz Ribeiro Colaço, D. Branca de Gonta Colaço, D. Candida Aires de Magalhães, D. Graciete Branco, D. Laura Chaves, D. Maria de Carvalho e D. Virginia Vitorino. A parte musical do sarau foi entregue ao artista brasileiro Moacyr Liserra, e às senhoras D. Sara Navarro Lopes, D. Laura Wake Marques e D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso. Fechou o programa musical o grande pianista Viana da Mota.

D. Margarida Lopes de Almeida, depois de agradecer a homenagem, recitou primorosamente várias poesias.

Terminou o brilhante serão de arte, com a cerimónia da imposição da Ordem de Santiago, à ilustre escritora sr.^a D. Maria Lamas, feita pelo sr. dr. Pereira Dias, que representava o sr. ministro da instrução.



O eminente académico sr. dr. Júlio Dantas lendo a sua notável conferência

Ao centro, à direita: A sr.^a D. Maria Lamas, depois do representante do ministro da instrução lhe ter imposto as insígnias da Ordem de Santiago, agradece a ovação da assistência, pelo braço da sr.^a D. Margarida Lopes de Almeida

O sr. João Pereira da Rosa, director do «Século», preferindo o discurso de saudação a homenageada

Em baixo: A sr.^a D. Berta Leite entregando, à ilustre declamadora, uma mensagem, assinada por quasi todas as individualidades que assistiram ao serão de arte

No final da página: Um trecho da numerosa e selecta assistência





A cidade de Lisboa (Desenho de Francisco de Holanda)

de Venise. — agora arrasada — que o célebre fisiologista e psicólogo francês, dr. Henri Dronip, assim estigmatizou, num fiel inquérito: "C'est une des cloaques de Paris, ou les prostituées viennent achever leur lamentable existence."

Mais ainda: confrontai — puritanos alfacinhas! — o ar mórbido e vicioso de prazer douado, dos noctívagos "dancings" e "cabarets" de Paris, Berlim e Viena, plenos de mundanas supinamente elegantes, cultas e luxuriosas, que, todas as noutes se afogam num mar crepitante de champagne sem preço, com a atmosfera simples e pastoril dos nossos Maxim's, Olímpias e Bristol's, onde se acotovelam, sentadas em enfileiradas cadeirinhas — tal como anteriormente, nas pelintras agências de criadas de servir — as ingénuas e ignorantes moçoletas, saudosas — coitadas! — daqueles bons tempos em que, livre dos cruciantes trajos de senhoras ricas, andavam, folgadas e descuidosas, no amanhão da terra e no varejo da azeitona...

Infelizmente, por não possuir dotes bastantes para defender uma causa de tal valia, somos levados a utilizar trechos flagrantes de homens ilustres que, bem melhor do que nós, poderão mostrar, aos que duvidarem, quanto são apreciáveis as qualidades que, em todos os tempos, exornaram os lisboetas.

De Frei Nicolau de Oliveirinha, em "Grandezas de Lisboa": — "Um louvor assinalado se pode dar à Cidade da Côrte, pois sendo pôrto onde concorrem muitos e infinitos mercadores de todas as partes do Mundo, e habitada de tantas gentes de diversas nações, não se tem corrompido nela os bons costumes; o qual se fizera difficilissima coisa de crer a Aristóteles, que diz: a urbe habitada de multos estrangeiros, era escola de vícios, porque são mancebos livres e ricos, dando-se à boa vida, comendo e bebendo e tomando deleitos como deu bom exemplo Roma, que sempre conservou suas virtudes, até à vinda dos gregos e asiáticos, que a vieram corromper, tornando os seus homens delicados e viciosos."

De António Coelho Gasco, em "Antiguidades de Lisboa, Empório do Mundo e Princesa do Mar Oceano": — "É bem notório de como os cidadãos desta cidade falam mais polido que os outros povos de Portugal, e quando em alguns lugares dele querem louvar um homem de cortejo e bem falante, é adágio antigo e mui usado dos portugueses, dizerem: fala como se toda a sua vida vivera em Lisboa..."

... "Os homens mais valerosos lusita-

Luz de Camões (Da edição dos Lusitanae, do Morgado de Mascos.)

VIRTUDES CITADINAS

A cidade de Lisboa e a excelência dos lisboenses

nos, são os lisboenses. Bem declaram logo de criança o su valor, porque quando há súcias nesta Côrte, immediato saem bandeiras de meninos com seus Capitães e Alferes, que é muito para se ver a ordem e a boa arte que levam pelas ruas e praças publicas. Depois de passada a meninice, se exercitiam no militar jôgo das pedradas, levando seus destros Capitães divididos em dois campos; e a chamam Allamistas, ao outro Catarinos; ficando dividida toda a cidade, pelejando uns contra os outros, com grande animo e altivo coração, em ordem de batalha campal, e depois, levam das espadas e traçados, fazendo cada um por render o seu inimigo; do qual guerreiro exercito tem saído grandes homens nas armas, e tidos por soldados em toda a occasião de guerra. E o que é mais para espantar, e dar grande matéria ao engenho, e mais a inveja dos mordazes, é como as virtuosas mães de familia, de Lisboa, quasi de peito largam os filhos, para os mandarem por soldados, para as Conquistas."

Do marquês de Pombal, em "Observações Secretíssimas", só conhecidas depois do seu falecimento: — "Havendo sempre, as nações estrangeiras, tido a portuguesa, por bárbara, feroz e insociável, se acharam agora convencidos do contrario, por uma demonstração que os surpreendeu com o maior assombro, vendo-se, a este respeito, não só igualadas, mas muito excedidas. É notório que, na Côrte de Londres, comete a plébe, a cada passo, as frequentes desordens que todos sabemos, logo que se junta em numero de três ou quatro mil individuos. Em Paris, vimos, há pouco tempo, que as festas do

casamento do conde de Provença causaram mais de tresentas mortes desastradas, entre os distúrbios da referida plébe. E todos aqueles estrangeiros que se achavam naquelle conhecimento, não poderão deixar de confessar que estamos muito mais sociáveis do que elles, tendo visto, por uma parte, os diferentes estados, ordens, classes e grêmios da parte superior da capital de Lisboa, na mais perfeita harmonia e reciproco trato, e na mais suave consonancia, nos camarotes e salões das assembleias e das mezas; e tendo visto, pela outra parte, mais de cento e cincoenta mil pessoas de ambos os sexos, da espécie de povo miúdo, em confusão e a apêrto, na Praça Real do Comercio, a festejar a inauguração da régia estatua de Sua Magestade El-Rei D. José I, por tardes e por noites inteiras, com a mesma tranquillidade e socêgo com que podiam estar, em uma igreja, fazendo oração, tratando-se uns aos outros, aqueles numerosos individuos, como se fossem outros tantos irmãos; não se ouvindo soar, nem uma só voz de queixa ou clamor, ou ver atrevêr-se qualquer pessoa de sexo masculino, a tentar, nem levemente, contra a modestia de qualquer outra pessoa do sexo feminino, por palavras ou obras, nem mesmo ainda, daquelas que a galantaria tolerava, há bem poucos anos, nas portas e concursos dos templos; factos estes, que não tiveram, até agora, exemplo, nem terão, nas outras nações, fácil imitação."

De M. Bruzen la Martiniere, géographe de Sâ Magesté Catholique Philippe V, Roi de Espagne, em "Le grand dictionnaire Geographique et Critique: — On

ne doit pas seulement regarder la Ville de Lisbonne, comme la Capitale du Portugal, mais encore comme le séjoer ordinaire de la Cour et le siège du premier Parlement du Roianne. Les grands Seigneurs qui remplissent les premiers rangs, soit par leur naissance, soit par les charges dont ils sont revêtus, fount une dépense proportionnée à leur condition et à leurs emplois. La magnificence de leurs logement, et celle de leurs equipages soutiennent merveilleusement bien en eux cet air généreux et galant, qu'il tiennent également, et de la nature et de leur éducation. Les différentes Nations que le trafic ou la curiosité y attirent, sont de continuel témoins de la générosité des gens de condition et de la droiture des Peuples."

Agora, acabados de ouvir estes importantes depoimentos, para mais se demonstrar a excellência dos seus antepassados moradores, vamos descrever um episódio do máximo relêvo moral, occorrido nos tempos em que Portugal, reivindicando sagrados direitos de soberania, ia dar o golpe de audácia que o livraria do jugo usurpador dos reis de Castela.

A cena passa-se na própria cidade de Lisboa, na alvorada do dia 1 de Dezembro de 1640 — data memorável para todos os bons portugueses — e numa ampla câmara guarnecida de custosos panos de Arrás, do palácio dos nobres condes de Atouguia.

São 8 horas da manhã. Os alvores de um pálido sol outonino começam a invadir a sala, em cintilações de prata. Nesse magnífico aposento vê-se, junto a uma mesa onde poizam duas espadas, a figura majestosa de D. Filipa de Villhena, formosa ainda, tôda trajada de indumentos negros, como se estivesse, ao mesmo tempo, de rigoroso luto pelo marido e pela Pátria.

Pedindo vénia, entram nessa sala os seus dois filhos, radiantes de juventude e garbo, e, mui respeitosos, beijam a mão de sua mãe:

— Deus vos abençõe, filhos meus — diz D. Filipa, beijando-os ternamente. — Deus seja convosco e vos faça homens tão dignos e honrados como foi o senhor vosso pai, que ali vêdes, em retrato, naquelle quadro.

— E não somos nós já homens, minha mãe? — responderam ambos. — Quem ousará afirmar, neste momento tão grave, que ainda somos crianças, e que, pela verdura dos anos, não sabemos compreender as leis que regem a honra e a dignidade?!

— Ninguém, por certo, meus filhos — retorquiu a mãe — e demais, nesta occasião em que tanto é carecido o auxilio de todos os portugueses válidos, para terminar de vez, na nossa terra, esse odioso ciclo dos três Filipes estrangeiros.

Após, fez-se um profundo silêncio. D. Filipa, depois de erguer os olhos para um grande crucifixo pregado na parede, como a implorar a graça divina para o acto que ia realizar, empunha as duas espadas, e



D. João de Castro (Retrato amigo que se encontra em Goa)

ordena aos seus dois filhos que se [ajoe]-lhem.

— Os filhos dos condes de Atouguia — disse ela, com gravidade — não, não, envergonhar os seus companheiros nesta empresa restauradora. Para isso, vos vou, agora já, armar cavaleiros, esperando que, d'ora-avante, vós saibais honrar as mãos que vos oferecem uma tão grande mercê.

"Meus filhos, como estais vendo, é uma inconsolável viuva que vos vai conferir a Santa Ordem da Cavalaria... Porém, não sou eu, não é esta frágil mulher que vos fará o que tanto mereceis, mas sim a própria Nação que, para se libertar, nos pede a todos o auxilio."

"D. Jerónimo de Ataíde e vós, D. Francisco Coutinho, em nome de Deus Padre, em nome do Filho e do Espírito Santo, e em nome da Pátria e do Rei, eu vos armo cavaleiros..."

"Erguei-vos agora, pois eu mesma vos quero cingir estas espadas que pertenceram a vosso pai e a vossos avós, e que jámais foram desembainhadas sem ser na defesa do sagrado património nacional..."

Momentos depois, D. Filipa de Villhena — espelho das mais excelsas virtudes cívicas — ajudava seus filhos a envergar a couraça, a afixar as esporas, a compor a capa, para a seguir, os acompanhar até ao pátio do palácio, onde, após os haver abraçado, lhes disse, resoluta: "Montai a cavallo. — São horas; parti. — Trazei-me Portugal livre, ou nunca mais volteis!" Voltaram!!!

Lisboa, berço de tanto Rei ilustre e de tanto português que teve nome nas armas e nas letras, jamais padecceu quebra de honra ou ruína de dignidade!

E. Raposo Botelho.



O padre António Vieira

O que foi a carreira artística do notável pianista português Artur Napoleão que ha anos morreu em terras brasileiras

Dez anos passaram em sua névoa cerrada de sobressaltos, de injustiças, de desilhões, de angústias, só de longe a longe esgarçada pela claridade suave dum raiozinho de alegria, pelo sorriso doce de algumas horas tranqüilas. E Artur Napoleão morre, sem ver cumprida a promessa que eu lhe fizera, em linda manhã dum Junho tépido, no lar magnífico e acolhedor de Sampaio Araújo, no Rio de Janeiro: — Falar dêle e sob documentos que gentilmente poz à minha disposição, à mocidade que o ignora; recordá-lo à gente velha que conheceu os seus triunfos. Glória autêntica da nossa terra, quasi sempre inhospita para os que a dignificam, Artur Napoleão preferiu viver os seus últimos anos, ao abrigo do céu brasileiro.

O regicídio, a instabilidade da paz entre nós, desgostaram-no profundamente. Esses espectáculos dolorosos, vistos ao longe, afiguravam-se-lhes sintomas de incurável anarquia, de barbaria feroz.

O seu critério negou-se à luz da razão e da lógica a ensinar-nos, pela voz nítida da História, que nenhum regime político se implanta e firma, sem o seu baptismo de sangue, sem as turbulências infantis que o maculam e freqüentemente deshonram e envilecem. Toda a vida custa sofrimento.

A sua indignação tropeja contra as associações secretas, às quais atribui o plano e a prática de tenebrosos crimes. Mas não me oculta que na sua mocidade estivera filiado na Maçonaria. Iniciara-se na loja *Sol del Oriente*, em Montevidéu e recebeu o grau terceiro no Grande Oriente do Rio de Janeiro.

Artur Napoleão nasceu no Porto, a 6 de Março de 1843, na rua de Cima do Muro. Seu pai era italiano, natural de Bergamo, terra natal de Tasso. A mãe, Joaquina Amélia dos Santos, portuense e de facto *uma santa*.

Aos quatro anos, o pai começa a ensinar-lhe o alfabeto e as notas de música. O pequerrucho aprende, tudo rapidamente. A aptidão musical revela-se tam prodigiosa, que ao fim de seis meses toca piano e a sua execução assombra os amigos do pai chamados a testemunhá-la.

Aos seis anos, na casa dum desses amigos, Duarte Guimarães, em dia festivo, Artur Napoleão toca ante pessoas desconhecidas e deslumbradas. Pouco depois, realiza o seu primeiro concerto público.

Figurinha fina e delicada, loiro, branco, olhos claros de suave expressão, mas vivo, irrequieto, o pequerrucho sobe ao estrado sem acanhamento, irrompe por entre os músicos da orquestra. O regente desta, levanta-o numa das mãos e apresenta-o: «Minhas senhoras e meus senhores, aqui está o *grande* pianista!»

O que foi o segundo concerto no teatro



D. Luiza Avelar, esposa de Artur Napoleão

S. João, em 24 de Janeiro de 1850, conta-o Camilo no seu livro *Coisas leves e pesadas*.

Aos sete anos é Lisboa que julga, em concerto no teatro de S. Carlos, a 29 de Maio de 1850. Assistem D. Maria II e D. Fernando, que embevecidos, o aplaudem, o afagam com extremo carinho.

Aos nove anos parte para Londres. Antes de partir realiza um concerto de despedida no teatro de S. João. O entusiasmo chega ao rubro. Faustino Xavier de Novais poeta repentista, electrizado assoma a um camarote e improvisa um soneto ao genio de Artur.

Os nossos representantes em Londres, a quem cumpria preparar ambiente propicio ao pequeno pianista, não tomam o interesse devido e por isso êle não consegue, na primeira visita, ser ouvido pela mais distinta sociedade londrina.

De Londres dirige-se a Paris, onde os concertos, sempre notáveis, lhe conquistam a consagração da critica, a simpatia dos Mestres, Madame Massart, celebre professora do conservatório, Henry Herz, musico illustre, dão-lhe lições. Apresentado à marquesa de Montijo, é beijado por sua filha, a formosissima Eugenia que três meses depois é Imperatriz de França. Ainda está em Paris o nosso pianista quando ela sobe ao trono. Num dos primeiros concertos das Tulherias, a seguir à aclamação de Napoleão III, Artur, convidado a tomar parte, deixa a assistência estupefacta e é brindado e aplaudido calorosamente pelas magestades.

O celebre tenor Roger afora o pequerrucho prodigioso e na sua casa o obriga a participar em saraus musicais, com Goria, Offenbach, Sainte-Foi e outras notabilidades.

Berlioz, o autor da *Dannation de Faust* não oculta a admiração que Artur lhe merece. A princeza russa Czenicheff, musicista apaixonada, muito das ralações de Chopin, entontecia ao ouvir Artur Napoleão, arrancar da sua *chateleine* minuscuro relógio de alto valor e oferece-lho.

Na segunda viagem à Inglaterra, Wood, casado com senhora portuguesa e afamado professor de musica ensina Artur a decifrar os segredos das partituras de Dussek, Weber e Bach e é considerado por John Elle, exigentissimo critico musical inglês, como executante «*mais extraordinario do que Mozart*». Em Manchester conhece Charles Hallé, musico sapiente de quem recebe lições sobre Chopin e sobre as 32 sonatas de Beethoven que Hallé executa magistralmente e de côr.

Na Irlanda, em Dublin, colhe Artur Napoleão uma das maiores ovações da sua vida e riquissimo presente adquirido por subscrição pública.

Em Berlim, Meyerber confessa-se encantado. As sociedades musicais acorrem a festejar Artur Napoleão, a concederá-lo, a nomeá-lo socio. Em Weimar, é Liszt que o convida e o honra em suas festas, Rubinstein, considerado o primeiro pianista mundial, nessa época, afirma-lhe:

«Se trabalhares, e quizeres meu rapaz, derrotar-nos-hás a todos».

Aos catorze anos, Artur Napoleão visita o Brasil pela primeira vez.

As suas composições, nas quais marca súbidos méritos, exgotam-se, apenas anunciadas. Os poetas presentiam-no com versos, os ricos saudam-no com banquetes e pedras preciosas. A mesma vibração inflama as principais cidades da América do Sul. E no seu regresso ao Porto, os seus conterrâneos rejubilam. Envaidecidos acumulam-no de amabilidades. Ramalho Ortigão oferece-lhe então uns versos que escrevera quando êle partira para o Rio — versos que relembram a estreia do pianista.

Após novas digressões que dia a dia mais alastram a sua fama, resolve o pianista ir também à América do Norte, onde realiza o seu concerto com a colaboração de Adelina Patti, prima-dona de realce mundial. É escutado com enléu. Os aplausos estupendos. Mas para arranjar dinheiro — o pai guarda, zela avaramente o pecúlio —



Artur Napoleão aos 23 anos

Artur escreve polcas e valsas, sob pseudónimos diversos e vende-as a editores a dez, a vinte dólares, cada uma. Como pôde...

No regresso demora alguns meses em Cuba onde a sua Arte é apreciada e aclamada

Voltando a Portugal pouco se demora. Em actividade continua, de novo parte para Inglaterra, para a França, para a Bélgica, enaltecendo cada vez mais o seu nome. Em Agosto de 1862 volta ao Brasil — a atraí-lo, a cativá-los com laços que se vão apertando. Em convívio estreito com figuras de relevo na mentalidade brasileira, acolhido pelo Imperador, pelas pessoas mais categorizadas da sociedade, o Brasil sorri-lhe como a sua verdadeira pátria. E então, que certo poeta bahiano lhe tece um hino caloroso:

*Não invejes, pois, na guerra
conquistas de Bonaparte.
Tu és, Artur, na tua Arte
conquistador mais feliz!*

Ao voltar a Portugal, o pai resolve fixar residência em Lisboa. Artur Napoleão também aqui reside algum tempo, convivendo com a boémia dourada. Contudo, não descursa na sua Arte. Cultiva desportos — esgrima, box, ginástica, joga o xadrez, vai à espera de touros, às guitarradas estúrdias, mas estuda, progride, dá concertos em S. Carlos. É em alguns desses, quando o público, insaciável de ouvi-lo, o obriga a bisar, que Artur Napoleão dando costas ao piano, para agradecer, sem interromper o seu trabalho, sem quebra de compasso ou de ritmo na execução, troca as mãos com destreza de prestimano, ante o pasmo do auditório.

Após a repetição de excursões pela Europa e algumas demoras em Portugal, Artur pela quarta vez se dirige ao Brasil. O amor enleia-o. O casamento fixa-o lá em definitivo. Associa-se comercialmente a uma casa de instrumentos e músicas — que pela invocação do seu nome, prospere a mais tarde se torna apenas sua. O Brasil é agora a sua verdadeira pátria, onde vive, conquanto ainda torne a visitar a Europa.

É já muito velhinho Artur Napoleão, quando o conheço. Os seus dedos hesitantes, endurecidos pelo reumatismo, afiguram-se-me incapazes de arrancar o mais ligeiro som ao teclado. Mas desejo vê-lo sentar-se ao piano, — sólio excelso — onde o glorioso exaltou o meu Portugal bem amado. Timidamente, os olhos vogando em intensa comocção, insto:

— Um pequenino trecho, sim?
Generoso e complacente, o Artista acede. Milagre! Ao contacto com o marfim do teclado, os dedos velhinhos, tropeços galvanizam-se, são dinâmicos, vigorosos e ágeis, são mços, flexíveis e elásticos! No fim, não ousa falar. Beijo reverente as mãos divinas que a morte — a herege! — já enregelou, imobilizou para sempre.

Emília de Sousa Costa.

NO GRÉMIO LITERÁRIO

Uma notável conferência do sr. dr. Hipólito Raposo

sos. Subordinou o seu trabalho ao tema: "Força e beleza".

Após umas palavras de apresentação, ditas com elegância, pelo sr. dr. João Emauz Leite Ribeiro, o sr. dr. Hipólito Raposo iniciou a sua formosíssima lição por focar a hora que

passa.

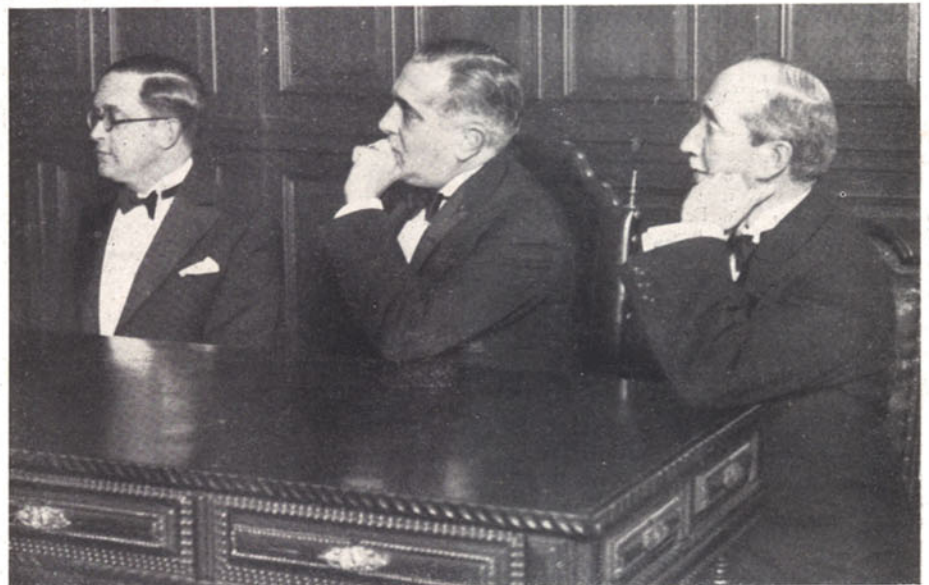
Falou das características

tando nas suas obras de estatuária, os verdadeiros tipos de beleza humana.

Afirmou que êles devem ser louvados pela maneira como encararam essa mesma beleza e como souberam compreendê-la, prestando o seu poder ao da fôrça. Além disso, os gregos conseguiram achar o equilíbrio da beleza do corpo e da beleza da alma.

Analizou o sentido dado à beleza por notáveis escritores, pintores e estatuários, e dêstes fez apresentar em belas projecções, trabalhos admiráveis, sem esquecer dos nossos escultores, entre os

O sr. dr. Hipólito Raposo lendo a sua brilhante conferência



A direcção do Grémio Literário — à frente da qual se encontra actualmente o sr. dr. João Emauz Leite

Ribeiro, figura destacante do nosso meio social, e grande espírito de iniciativa — para manter dentro da tradição aquela prestimosa colectividade, está organizando uma série de notáveis conferências.

Todas elas têm sido brilhantes. Basta citar o nome dos conferencistas: almirante Gago Coutinho, dr. António Osório e, por último, o sr. dr. João Saraiva, que falou da história do Grémio, dos seus fundadores e dos seus sócios.

Há dias — no último sábado — teve a palavra o sr. dr. Hipólito Raposo, professor ilustre e escritor dos mais prestigio-

A mesa da presidência: ao centro, o sr. dr. João Emauz Leite Ribeiro, a direita o sr. Oscar Portela e à esquerda o sr. Roque de Arriaga

cas da civilização, industrializada e mercantil, onde Vulcano suplantou a ideal Minerva.

Disse como os povos da antiguidade e, principalmente os gregos, souberam considerar a beleza e a força, apresen-

tais Soares dos Reis com a sua obra notável "O desterrado".

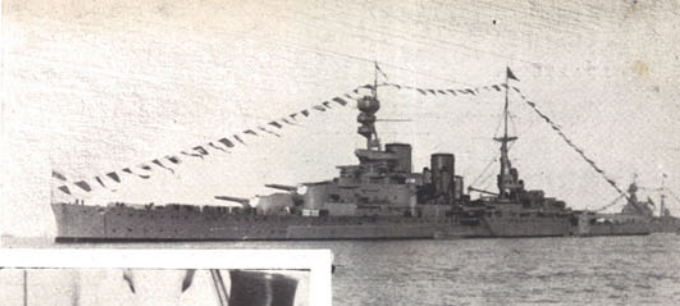
O sr. dr. Hipólito Raposo, que apresentou uma brilhantíssima peça literária e que foi várias vezes interrompido com salvas de palmas, terminou por lamentar que vamos perdendo a noção da beleza na escultura, na pintura e na arquitectura.

Um aspecto da assistência





A VIAGEM DO CHEFE DO ESTADO e a visita da esquadra inglesa à baía de Lagos



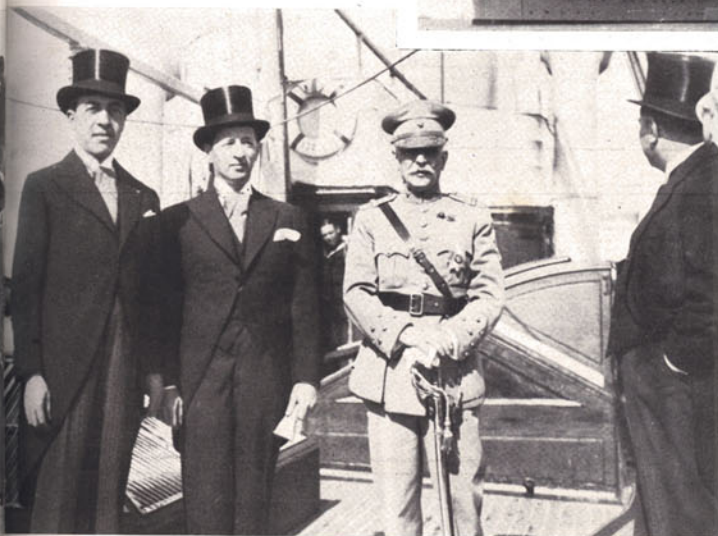
O encontro do chefe do Estado com a grande esquadra inglesa, na baía de Lagos, constituiu pela sua importância, até sob o ponto de vista internacional, um grande acontecimento. Ao aclarar a manhã do dia 7, entravam na baía de Lagos, de águas serenas e espelhas, os avisos «Cinco de Outubro» e «Gonçalo Velho», conduzindo o primeiro o Chefe do Estado e os ministros do Interior, da Marinha e do Comércio.

Pouco depois, começava a chegar a grande esquadra inglesa. Espectáculo do mar foi esse, imponente, grandioso: à frente três couraçados monstros: o «Hood», 42.000 toneladas, o maior barco de guerra do mundo;

O sr. Presidente da República passando revista, em Faro, aos marinheiros das canhoneiras «Damão», «Raul Cascais» e «Lidador».

O aviso «Cinco de Outubro», desancado a baía de Lagos, o caminho de Vila Real de Santo António, onde o Chefe do Estado embarcou de regresso a Lisboa

o «Renown», 37.000 toneladas, o navio em que o Príncipe de Gales costuma viajar e o «Barham», 35.000 toneladas que lutou nas horas incertas da Jutlândia, contra as forças de von Spee. Os três couraçados



O couraçado «Hood», navio-almirante da esquadra inglesa que saudou o sr. general Carmona na baía de Lagos, quando da última viagem presidencial ao Algarve

ao rei Jorge V, o seguinte telegrama:

«No momento em que me encontro nas águas portuguesas de Lagos com navios de Vossa Majestade e recebo as suas saudações, desejo exprimir a Vossa

Majestade o prazer que tive neste encontro e dirigir a Vossa Majestade os meus cordiais sentimentos e de todo o povo português. (a) General Carmona.

Depois de visitar a cidade de Lagos, o Presidente da República e os ministros que o acompanhavam, percorreram todo o Algarve, visitando Portimão, Faro, Olhão, Loulé, Tavira, Monte Gordo e finalmente Vila Real de Santo António, onde houve um almoço oficial. Neste último porto, prestava honras a canhoneira «Limpo» e no de Faro prestavam-nas as canhoneiras «Damão», «Raul Cascais» e «Lidador». A viagem de regresso a Lisboa fez-la o Chefe do Estado a bordo do «Cinco de Outubro».

O Chefe do Estado passando revista às forças de infantaria, ao chegar a Tavira, onde foi muito aclamado



dos entraram em linha, e antes de fundear, os seus canhões troaram ao pavilhão do Presidente português, içado no «Cinco de Outubro». Depois, surgiam da neblina, que se dissipava a pouco e pouco, as flotilhas de contra-torpedeiros — 19 belos navios — em duas colunas impecáveis, logo a seguir o cruzador ligeiro «Cairo», quatro poderosos submarinos artilhados e, por último, mais quatro grandes transportes de realastecimento.

Enquanto alguns hidro-aviões dos couraçados, postos rapidamente na água, evoluíam sobre a baía, a esquadra fundeava em linhas paralelas à costa, oferecendo um aspecto grandioso de força e de poderio, aquele poderio que a Grã-Bretanha mantém através de séculos.

Aspecto panorâmico da baía de Lagos, vendo-se grande parte da esquadra inglesa ancorada

Na ponte do comando do «Cinco de Outubro», o Chefe do Estado e os ministros assistiam à en-

O chefe do Estado e os ministros do Interior, do Comércio e da Marinha, no «Cinco de Outubro», aguardam a visita do almirante inglês

trada e evoluções dos 31 navios da Armada britânica, seguidos também de terra de grande multidão.

O almirante inglês ia depois a bordo do «Cinco de Outubro» saudar o sr. general Carmona, que pouco depois retribuía a visita, por intermédio do sr. comandante Sequeira Braga.

Accedendo a um convite do comandante da esquadra britânica, o sr. Presidente da República visitava mais tarde o «Hood», passando em revista os seus 1.000 homens de guarnição e os 100 fuzileiros navais que faziam a guarda de honra e recebendo na camara do navio as saudações da oficialidade.

A bordo do «Cinco de Outubro» efectuava-se depois o almoço oferecido pelo sr. general Carmona, em honra do almirante britânico Kelly e ao qual assistia também o comodoro Lyster, comandante da 5.ª divisão, que há dias esteve no Tejo.

Findo o almoço, o chefe do Estado, enviou

no centro da fotografia figuram os avisos portugueses «Cinco de Outubro» e «Gonçalo Velho»





O grupo espanhol momentos antes de se iniciar o desfilo com Portugal

É difícil e doloroso escrever quaisquer comentários sobre o jogo que a equipa portuguesa, em eliminatória do campeonato do mundo, foi disputar a Madrid, no domingo passado. A estrondosa derrota que sofreu, o mais pesado desaire de toda a nossa existência futebolística internacional, marca uma situação, tanto mais acabrunhante quanto é exacto que não existem atenuantes plausíveis a invocar.

Falava-se em declínio do "football" espanhol, esperava-se uma nivelção provável de valores e, afinal, demonstra-se que uma larga classe nos separa ainda dos nossos tradicionais e amigos adversários.

Em Chamartin, ganharam os melhores, aqueles que, infelizmente, dispuzeram da situação do primeiro ao último momento de jogo.

O grupo português, desorientado, sem conseguir uma ligação, pode afirmar-se que não existiu no terreno como formação organizada, reduzida pela força de não sabemos que circunstâncias, a onze homens perdidos, sem o mínimo entendimento.

Existe, nestes problemas desportivos, uma série de imponderáveis que reduzem a nada as combinações melhor arquitetadas; passou-se, com a selecção nacional em caso destes, pois a base do critério de escolha, tomando um clube como esqueleto para que o grupo entrasse com

um sistema definido de jogar, falhou retundamente. Perante a superioridade técnica e atlética dos espanhóis, os portugueses pareciam aprendizes, e limitaram-se a receber uma admirável lição de "football".

Estas palavras severas, parecem-nos úteis e necessárias; não é com ilusões que melhoraremos a classe do nosso jogo e, perante o obstáculo, mais se aproveita encarando de frente a dificuldade.

A crise portuguesa é muito mais considerável do que a espanhola, que não existe de verdade. Aqueles que leem estas linhas sem ter presenciado o encontro, podem considerar pessimista a nossa maneira de apreciar, mas quantos se deslocaram a Madrid e sofreram, como nós, a dolorosa impressão do espectáculo, talvez a considerem ainda benevolente.

Oxalá, dentro de dias, se consiga, em Lisboa, o milagre de uma reabilitação.

Entre os catorze homens, que sucessivamente alinharam no grupo

PARA O CAMPEONATO DO MUNDO DE "FOOTBALL,"

A selecção espanhola derrotou a selecção portuguesa por 9 a 0



Os jogadores espanhóis perfisando a execução do himno de Riego



A equipa portuguesa formada no campo de jogos de Chamartin

lusitano, nenhum é credor de elogios absolutos. Relativamente, alguns se salvaram do descalabro, e esses foram ainda quasi apenas os veteranos: Waldemar, de uma actividade incansável, procurando impôr à equipa uma toada definida: Augusto Silva, durante o seu meio tempo, melhor do que o foi depois Álvaro Pereira; Avelino Martins, valente e decidido, impotente embora para sustentar a avalanche endiabrada dos cinco avançados vermelhos.

Entre os novos, Gaspar Pinto foi o melhor cumpridor, alma entusiasta de português, lutando com infatigável pertinácia contra a superioridade avassaladora do adversário, sem um momento de quebra perante a catástrofe avolumante. Depois d'êlo, agradou-nos Serrano, valente e atlético, qualidade apreciável num encontro deste género.

Entre os que falharam alguns não podem passar sem reparo.

Soares dos Reis fez uma exibição lamentável, sendo de sua responsabilidade as primei-

ras duas bolas soírdas por Portugal; na marcação de dois cantos, deixou-se ficar amarrado às balizas, quando o seu dever era precipitar-se a interceptar a bola antes que alcançasse o molho dos atacantes e defensores. Não justificou a sua internacionalização e lamentemos que Amaro não tivesse tomado a seu cargo, desde o primeiro momento, a guarda das rédeas portuguesas.

Acácio Mesquita não existiu no campo; lento, desinteressado, confirmou o que uma vez já dera a entender, que é apenas um bom jogador com a camisola azul e branco.

Para finalizar, resta falar de Artur de Sousa, o célebre maior valor do "football" português; é indubitável a sua classe, as suas aptidões impressionam em treinos ou em encontros nacionais todos quantos o examinam. Mas, em Madrid, como em Vigo, nestes jogos máximos fóra do país, inferiorizou-se abaixo da vulgaridade. É um caso psicológico comprovado, embora lhe não tentemos averiguar as origens.

O campo de Chamartin, propriedade do Madrid F. C., é insuficiente para um encontro de tamanho vulto; a capital espanhola, como a portuguesa, acusa a falta de uma arena desportiva digna da sua importância.

O Estadio Metropolitano, cuja ampli-



Aspecto imponente que oferecia o Rosso, durante o encontro Paris-Espanha, onde o publico ovava, pelo altifalante, o relato do desafio



A troca de galardões entre os capitães dos grupos, respectivamente, o guarda-redes Zamora e o médio-centro Augusto Silva

O arbitro — o belga Von Prag — e os juizes de linha — Antonio Neves (português) a esquerda e Ramon Melcon (espanhol) a direita





João Jurado tenta desarmar uma avançada do jogador espanhol Regueiro

tude corresponde melhor às necessidades de afluência do público, sobretudo agora que as suas magníficas tribunas foram cobertas, é praticamente inutilizável visto que as exigências financeiras da empresa proprietária não podem ser aceites pelas entidades desportivas.

Nestas circunstâncias, a Federação Espanhola deitou mão do que melhor se lhe oferecia, mas a procura de bilhetes foi tal, que na sexta-feira já não havia um único lugar à venda, tendo muitos portugueses encontrado sérias dificuldades em adquirir o direito de presenciar o jogo internacional.

Segundo as informações que conseguimos obter, Chamartin dificilmente admite mais de 17.000 espectadores.

É certo que neste encontro, de características especiais, este máximo foi largamente excedido, aglomerando as pessoas nos lugares não marcados como sardinha em lata; de todas as maneiras, a capacidade do terreno do Madrid é inferior à do nosso Estádio do Lumiar, pois nunca conseguiria atingir os vinte e cinco milhares.

A tribuna, inteiramente coberta e onde cada espectador tem uma cadeira para se sentar, possui apenas os camarotes centrais destinados às entidades oficiais, não vendáveis, alojando, em números redondos, três mil espectadores. O preço dos lugares variava entre dez e vinte e cinco pesetas.

A geral fronteira, muito pouco profunda porque o terreno esbarra no limite de uma rua, apenas comporta sete mil pessoas; este lugar, que era o mais barato, valia seis pesetas.

Finalmente, as bancadas de topo, também dispostas em anfiteatro, alojam mais oito mil pessoas, tendo uma delas ficado reservada aos sócios do clube proprietário, que assim tinham assegurado o seu lugar, embora sem qualquer espécie de concessão favorável no preço de entrada, pois cada um pagou sete pesetas para entrar.



O guarda-rédes Amaro numa boa «estirada»

Um avançado espanhol, passando a linha das nossas defesas, prepara-se para «atirar» às rédes portuguesas



Se, em Portugal, a Federação quizesse proceder de igual maneira, os associados do clube, cujo campo fôsse escolhido, faziam, com certeza, uma revolução de protesto.

Calculando por alto e tomando por base estes dados gerais, a receita bruta do encontro deve ter sido aproximadamente de uns quinhentos contos, o que representa já uma soma apreciável.



Antes do encontro os espanhóis, esperando muito embora a vitória, não manifestavam grande confiança na sua equipa, encarando com preocupação o jôgo de domingo próximo, em Lisboa.

Pode afirmar-se que a maioria se inclinava para a probabilidade de recurso ao jôgo de desempate em Vigo.

O seleccionador, dr. Garcia Salazar, que viveu intensamente as responsabilidades da luta, veio propositadamente com Zamora assistir ao treino dos nossos, na sexta-feira. Um amigo comum, transmitiu-nos mais tarde as impressões colhidas pelo «fabricante» do onze espanhol e que demonstram uma excelente visão, a abonar os conhecimentos técnicos do dr. Garcia Salazar.

A linha que mais lhe agradou foi a de médios; os dois defesas pareceram-lhe seguros e duros, daqueles a cujo contacto convém fugir, e na linha avançada foi Artur de Sousa aquele que preferiu, considerando-o o homem capaz de marcar um «goal». O guarda-rédes titular não o convenceu, parecendo-lhe mais seguro o suplente.

A apreensão que lhe acarretou o jogo, deve ter-se desvanecido às primeiras jogadas, pois logo o grupo espanhol afirmou o grande valor da sua classe. A Espanha tem, sem dúvida, uma equipa formidável e, mais consciente das suas possibilidades, deverá agora ser diferente o moral do onze que se deslocará a Portugal e poucas saudades nos devem ficar desta meteórica passagem lusitana pelas eliminatórias do II Campeonato do Mundo de «football».

Salazar Carreira.

(Fotos Denis Salgado)

A VIDA E A MORTE do almirante CANTO E CASTRO

Não é sem uma emoção profunda, que se regista a morte de um homem de tão alta envergadura moral, como a do almirante João do Canto e Castro da Silva Antunes. ¶

Ao fim de uma vida exemplaríssima de cidadão, Canto e Castro desaparece, deixando um exemplo perene de honradês, de nobresa cívica e de firmeza de character, que fôram apanágio fulgurante do seu temperamento superior, através de setenta e dois anos de existência.

A vida de Canto e Castro, primeiro como ornamento ilustre da Armada, mais tarde como figura prestigiosa do mundo político, projectar-se-ha, assim, nas páginas da história, como uma carreira íntegra, ao serviço da Pátria.

Surpreendido pelas contingências de ordem política, Canto e Castro viu-se, de um momento para outro, elevado à suprema magistratura da Nação, eleito Presidente da República, numa hora difícil para o regime, quando o corpo de Sidónio Pais ia a caminho dos Jerónimos, nêsse período agitado que se seguiu ao seu assassinato.

Os mais altos interesses da Pátria, que Canto e Castro sabia pôr com nobresa, acima das suas convicções políticas, exigiam-lhe o juramento de fidelidade à República, compromisso solene que tomou perante as Câmaras reunidas e que cumpriu perante a Nação, perante o tribunal da opinião pública, que julga sempre com imparcialidade, que faz sempre justiça.

Um ano quasi, habitou Canto e Castro, o solar presidencial de Belem, onde passou com serenidade impassível os dias incertos de Monsanto e da monarquia no norte, orientando o seu porte e a sua acção, sempre em obediência à palavra dada, ao juramento feito: a República, expressão do pensamento popular, que lhe fôra entregue numa hora grave, teria nêle, por virtude de sua integridade pessoal, um defensor sacrificado pela honra da sua palavra.

Normalisada, enfim, a vida política, eleito António José d'Almeida para a Presidência da República, Canto e Castro abandonava Belem, ante o respeito de um povo inteiro, que via nêle, êsse homem que tinha esquecido uma ideia política, para salvar uma Pátria, debruçada sôbre o abismo trágico da guerra civil. Êle fôra, sem dúvida, o fiel de uma balança, cujo desequilíbrio pela derrocada, não apenas de uma fórmula política, mas de uma Nação inteira; êle fôra na verdade, pela força insuperável da sua dignidade o espírito de isenção, capaz de acalmar ódios e paixões, ateadas depois dessa noite de 14 de Dezembro de 1918, em que Sidónio tombou para sempre, na gare do Rossio.

Abandonada a Presidência, homenageado pela Nação, que o fazia almirante por intermédio das Camaras, Grã-Cruz da Torre e Espada, cuja legenda — Valor, Lealdade e Mérito — ficava bem sôbre o seu peito de português, Canto e Castro recolhia-se á modestia da sua casa, torturado pelos desgostos, pelas desilusões e pela má fé de alguns...

«Foi êsse período — o de Belem — o mais amargurado de tôda a minha vida» — dizia-me Canto e Castro, o ano passado



Almirante Canto e Castro

(Quadro de Medina)

naquela casa simples da praia das Maças, onde passava o verão, incógnito, sempre o mais incógnito possível.

E a estas palavras sucediam-se outras, tôdas num tom doloroso de angustia e de sofrimento, chaga aberta numa alma sã, que não sararia mais: "Essa passagem por Belem, marcou o meu fim de vida. Depois, tudo tem sido viver de recordações tristes, de desgostos perduráveis, de amargura sem fim... Paga-se caro, afinal, o não faltar á palavra de honra..."

Mergulhado, assim, num isolamento imposto pela sua própria conducta, Canto e Castro, apareceu ainda uma vez em publico; curvado perante o corpo de António José d'Almeida. Depois, quem logrou vê-lo? Não era facil encontrá-lo numa festa, num teatro, numa recepção, nem mesmo na rua.

A morte surpreendeu-o agora. As suas últimas vontades, escritas e assinadas pelo seu punho forte, reflectem toda a sua vida, digna de um grande cidadão, como êle foi. Nem honras militares, nem corôas, nem flôres, nem discursos...

A vida e a morte de Canto e Castro, conjugaram-se desta fôrma, admiravelmente, traduzindo-se e sintetizando-se pelas suas últimas determinações.

Desaparece, com êle, um grande exemplo de isenção, um delicado e escrupuloso sentido da razão e da justiça, uma figura nobilíssima de português, que bem mereceu da Patria.

De homenagem, de veneração e de saudade, são estas palavras. Escreve-as, quem soube vêr sempre em Canto e Castro, um forte espoente de virtudes cívicas, uma bela integridade de character, uma vida dignificante ao serviço dos mais altos interesses nacionais.

Mauricio de Oliveira.

ILUSTRAÇÃO

Figuras e Factos



Dois banquetes de homenagem ao professor de direito, sr. dr. Fernando Emídio da Silva. — EM CIMA: Os colegas do ilustre catedrático ofereceram-lhe um almoço que teve carácter íntimo. Assistiram os seguintes professores da Universidade de Lisboa: srs. drs. Jaime Gouveia, Armindo Monteiro, Barbosa de Magalhães, Vieir-da-Rocha, Rocha Saraiva, Abel de Andrade, Manuel Rodrigues, Pedro Martins, Pinto Coelho, Caeiro da Mata, Carneiro Pacheco, Fezas Vital e Marcelo Caetano. — EM BAIXO: aspecto do banquete, efectuado na quarta-feira, por iniciativa dos seus alunos do 3.º ano da Faculdade de Direito



Chegada a Lisboa dos ministros dos Estrangeiros e das Colónias. — Vindos de Bruxelas, onde assistiram, como representantes do governo português, aos funerais do rei Alberto da Bélgica, chegaram há dias a Lisboa, os srs. ministros dos Estrangeiros e das Colónias. Tiveram na gare do Rossio, uma carinhosa recepção.

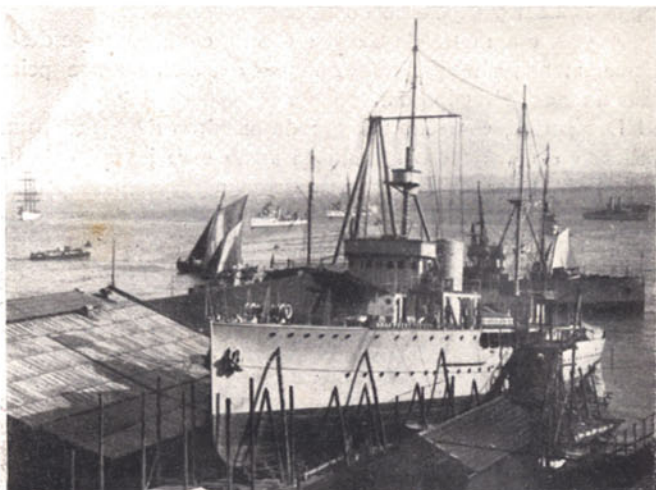
Uma homenagem ao grande actor Chaby Pinheiro — Por proposta do vereador sr. Luiz Pastor de Macedo, a Camara Municipal de Lisboa mandou colocar no prédio n.º 53 da rua de S. Julião, uma lápide, com os seguintes dizeres:

«No 3.º andar deste prédio nasceu em 12 de Janeiro de 1873 o grande actor Chaby Pinheiro. A Comissão Administrativa do Municipio de 1933».

A cerimónia constituiu uma sentida e justa homenagem à memória do inolvidável artista. Usaram da palavra os srs. Linhares de Lima, presidente da Camara, Oscar de Freitas, Inspector Geral dos Espectáculos, Felix Bermudes, pela Sociedade de Autores e Joaquim Almada, em nome dos artistas.



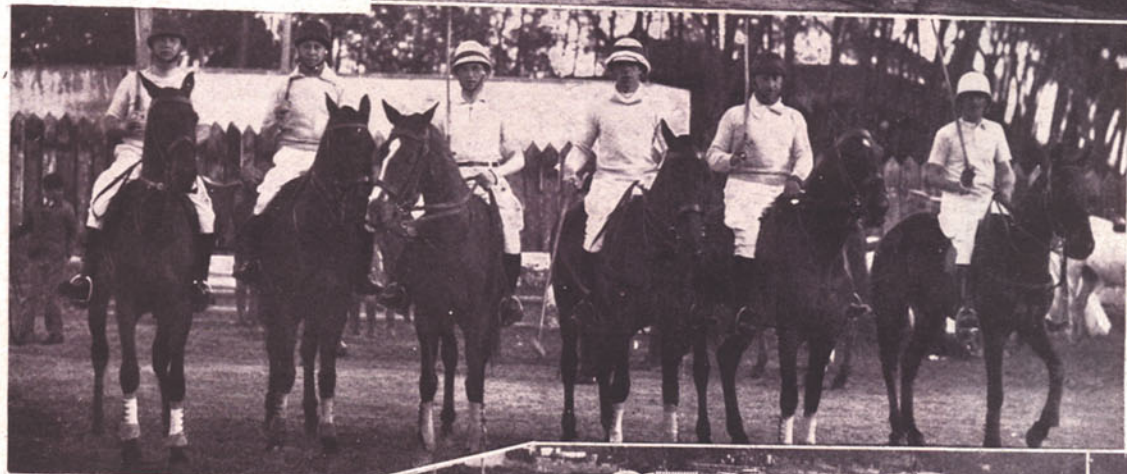
A marinha de guerra. — É amanhã, sábado, lançado à água o aviso de 2.ª classe «Pedro Nunes», que foi construído no arsenal de marinha. O novo barco de guerra tem 70 metros de comprimento, desloca 1.016 toneladas e possui um ráio de acção de oito mil milhas, à velocidade horária de 11 milhas e meia. Terá duas peças de 120 mm e 50 calibres, duas peças anti aéreas de 16 mm e 50 calibres e quatro peças-metralhadoras anti-aéreas





O concurso hípico e torneio de "Polo" no campo do Estoril

↑
Os vencedores da primeira prova de obstáculos: 1.º — Costa Pina no «Odalisca», 2.º — António Crespo no «Imperial», 3.º — Homem Figueiredo no «Macaco», 4.º — Octávio Silveira no «Gip».



↑
Os vencedores da segunda prova de obstáculos: 1.º — Buceta Martins no «Lerta», 2.º — Américo Gonçalves no «Babá», 3.º — Marquês do Funchal no «Biscuit», 4.º — Octávio Reis no «Brabant», 5.º — Jorge Mendonça no «Gamin», 6.º — Américo Gonçalves no «Romance».

↑
TORNEIO DE POLO:
Equipa B (G. N. R.) — Capitão Laje e tenentes Santos e Murtins.
Equipa A (G. N. R.) — Capitão Mousinho e tenentes Frazão e Pereira.



↑
As equipas B e A jogando.

← A equipa C (civil) — Marquês de Vega de Poecillo, D. António de Lencastre (Louzã) e Rui de Pina.
A equipa D (militar) — Tenente Quintino da Costa, alferes Venancio Deslandes e aspirante Gomes.

As equipas C e D jogando. →





Marechal Pilsudki
(Retrato oficial)

FESTEJANDO O 67.º aniversário natalício do marechal José Pilsudski, que fez ressurgir o Estado polaco, organizador e chefe supremo do exército polaco, cabe-nos o ensejo de traçar um rápido esboço da vida e da obra desta eminente personalidade internacional.

Nasceu em 1867 em Zulów, região de Wilno, quatro anos após o ressurgimento polaco de 1863, chefiado pelo Romuald Traugutt. O pai de Pilsudski, fazendeiro e industrial muito considerado, foi comissário civil durante essa sublevação nacional.

Sofrendo cruelmente as perseguições das autoridades russas, a família Pilsudski foi obrigada a fixar residência, poucos anos depois, em Wilno. José Pilsudski frequentou depois o liceu de Wilno, com o nome de Ziuk, onde teve ocasião de verificar as perseguições feitas pelos russos. Era proibido pronunciar no Liceu uma única palavra polaca; os alunos eram forçados a louvar a grandeza e poder do império russo e todos os professores eram espíões disfarçados. Os que desejavam instrução, eram obrigados a suportar estas torturas morais. Portanto, mal chegava a casa, Ziuk, dava livre curso aos seus pensamentos.

Pilsudski lia muito. As obras polacas de Prus, Sienkiewicz, Mickiewicz, Slo-

wacki, neste tempo proibidas, tiveram uma influência decisiva sobre o seu pensar. Entusiasmava-se ao ler a vida do Napoleão e os feitos heróicos da era grego-romana e já sonhava com uma Polónia, grande, independente e forte.

Em 1885, começou Pilsudski a estudar medicina na Universidade de Charkow, onde acamaradou com os estudantes polacos-revolucionários. Tomou parte activa nas manifestações dos estudantes e foi expulso da Universidade.

Voltou então para Wilno, onde não deixou de continuar a obra conspiradora iniciada no Liceu. Pouco depois, tendo sido injustamente acusado de cumplicidade no atentado contra o czar Alexandre III, foi condenado a cinco anos de deportação e exilado para a Sibéria. Tinha pouco mais de 19 anos.

No exílio, não deixou de analisar a situação da Polónia e procurar todos os meios de poder tornar independente a sua pátria. Chegou à conclusão de que para arranjar soldados decididos a baterem-se pela liberdade nacional, seria mais fácil recrutá-los entre os camponeses e os operários.

De regresso do exílio, Pilsudski, entrou para o Partido Socialista Polaco, que se formou em consequência do Congresso Socialista Polaco que se realizou em Paris e que logo se transformou num campo revolucionário, com o fim de proclamar a independência da Polónia. Devido à sua influência, sem-



O marechal Pilsudski no seu gabinete de trabalho

FIGURAS EUROPEIAS A VIDA E OBRA do marechal Pilsudski chefe supremo do exército da Polónia

pre crescente, chegou a ser um dos chefes do Partido Socialista Polaco. Fundou uma pequena tipografia, onde compunha clandestinamente o jornal "Robotnik"



O chefe supremo do exército polaco quando da sua estada no Funchal

("O Operário"), órgão oficial do Partido S. P. Assim, as palavras do chefe, chegavam às aldeias mais remotas.

Em 1900, a polícia descobre a tipografia e Pilsudski foi preso e recolheu ao famoso "Pavilhão X", da cidadela de Varsóvia. Para salvar o seu chefe, os partidários prepararam-lhe a fuga, por meio dum simulacro de loucura.

Em 1901, Pilsudski é posto em liberdade. Em 1905 organiza guerrilhas armadas contra o czarismo; mas os seus pequenos destacamentos foram dizimados pelas balas do inimigo.

Em Lwów, Cracovia, formaram-se núcleos de milícia, que depois transformados em organizações militares, constituíram as primeiras unidades das futuras e famosas legiões polacas.

Estalou a guerra de 1914. Os três opressores da Poló-

nia entraram nela. Pilsudski acha que a Polónia deve lutar contra a Rússia, para se libertar do respectivo jugo e não entrar na guerra contra os seus aliados,



Pilsudski visitando um barco de guerra no porto polaco de Gdynia

franceses e italianos. Decidiu, porém, combater primeiramente o inimigo russo.

Em 6 de Agosto de 1914, safu à frente da 1.ª Companhia de soldados polacos para libertar a parte da Polónia que estava sob o jugo russo. Conquistando, após várias lutas, toda a terra polaca, dirigiu as forças contra os alemães e austríacos. Em consequência disso, foi preso pelos alemães em 20 de Agosto de 1917 e encerrado na fortaleza de Magdeburgo.

A influência do prisioneiro de Magdeburgo espalhava-se por toda a parte, inflamando o povo e incutindo-lhe coragem e força de vontade.

A derrota da Alemanha e da Áustria apressou a volta de Pilsudski para a Polónia.

Logo que chegou a Varsóvia organizou o seu primeiro governo. Convocou a Assembleia Constituinte.

Dedica-se à organização administrativa do país e à criação dum exército forte, capaz de defender as fronteiras ameaçadas.

Enquanto a Polónia caminhava para a consolidação da sua existência, um novo opressor chegava às portas polacas: eram as hordas bolchevistas. O génio estratégico de Pilsudski repeliu vitoriosamente os invasores bolchevistas em Agosto de 1920. Esta importante e gloriosa batalha, comparada com a de Grunwald em 1410 e de Viena em 1683, assegurou uma paz duradoura à Polónia, uma estabilidade às suas fronteiras orientais e libertou a Europa da invasão comunista, que visava destruir a civilização europeia.

Desde 1926, Pilsudski, com todas as forças da sua grande energia, consegue o aperfeiçoamento da Constituição polaca.

O seu espírito de organização permitiu ao povo polaco, num período curto, executar uma obra imensa.

Para se poder bem avaliar da alta personalidade do marechal Pilsudski basta citar uma passagem do célebre livro: "Pilsudski e os seus companheiros" do ilustre escritor polaco Julio Kaden-Bandrowski:

"Se quiserdes compreender o Pilsudski de outrora, do tempo do czarismo, imaginaí uma águia encerrada num subterrâneo, num cubículo, numa mansarda,



O marechal assistindo a uma revista militar em Varsóvia



Marechal Pilsudski
(Quadro de Grabowski)

entre os metálicos esqueletos duma fábrica, uma águia de asas ensangüentadas, que, no entanto, se esforça por soerguer, sobre as asas doloridas, milhares de entes desgraçados a quem quer restituir a dignidade no trabalho, a quem quer fazer recuperar o nome e a liberdade.

"Melhor do que ninguém no seu País, Pilsudski compreendia, que as opiniões, as doutrinas não passam duma certa forma de conducta social, cujo alcance nem sempre é medido pelos seus promotores.

"Os seus partidários acusavam-no de cosmopolitismo, os estrangeiros de jacobinismo, os patriotas de socialismo e os socialistas censuravam-lhe o patriotismo. Por assim dizer, todos o criticavam; talvez presentindo nêle o perigo da Verdade.

"Este homem encarnava a fusão de todas as opiniões e de todas as doutrinas unificadas na compreensão da Polónia.

O nome do marechal Pilsudski é hoje respeitado por todos os polacos, mesmo entre os que militam nos partidos mais avançados.

VIDA ELEGANTE

Recita de homenagem

Em virtude da artista Lucília Simões, ter que cumprir no Por.º, um contrato anterior, foi a recita elegante, que estava anunciada para o dia 5 do corrente, no teatro Politeama, dedicada pela empresa dêsse teatro aos seus cronistas mundanos e nossos colegas Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, transferida para 2 de Abril, subindo à cena, em terceira representação, a peça «Pé de Cabra», na qual o protagonista é desempenhado pelo actor Estevão Amarante.

Esta transferência, em nada ofusca o brilho que esta festa vai ter, antes pelo contrário, estamos certos de que nessa noite o teatro Politeama, vai ser o ponto de reunião da nossa aristocracia.

Os poucos bilhetes que restam, estão à venda, todos os dias, no camaroteiro do teatro Politeama, onde também continua a troca dos cartões provisórios pelos bilhetes definitivos.

Festas de Caridade

NO THEATRO NACIONAL

Na tarde de amanhã, sábado, realiza-se no teatro Nacional, organizada por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, de que fazem parte as seguintes: D. Adelaide Leitão Pereira da



A sr.^a D. Maria Izabel Blech de Lencastre (Lousã) e o sr. Marc H. du Boulay, por ocasião do seu casamento, realizado na capela da residência do sr. dr. Antonio Centeno

Cruz, condessa do Cartaxo, condessa de Castro, condessa de Murça, condessa de São Tiago e D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, uma interessante «tarde de arte» em que gentilmente tomam parte as sr.^{as} D. Margarida Cambom Brandão, D. Margarida Lopes de Almeida, D. Katya de Andrade e os professores srs. René Bohet e Campos Coelho, que respectivamente se farão ouvir em vários números dos seus vastos reportórios.

O produto da «tarde de arte» é destinado a favor de várias obras de beneficência, patrocinadas pelas senhoras que formam a comissão organizadora.

Os poucos bilhetes que restam para esta tarde de arte, estão à venda no camaroteiro do teatro Nacional.

«CHÁ MAH JONG»

Constituiu sem dúvida alguma um verdadeiro acontecimento mundano o «chá mah-jong» de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, levou a efeito no salão de meza do *Aviz Hotel*, na tarde de terça-feira 6 do corrente, cujo produto se destinava a favor do fundo da Casa de Protecção e Amparo de Santo António, fazendo parte da comissão as seguintes senhoras: D. Alice Mury de Melo, D. Clarisse de Freitas Lomelino de Sousa Guimarães, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão Castelo Branco, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Izabel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria da Luz da Camara d'Orey, e Viscondessa de Atouguia.

Em redor das mezas de «mah-jong», «bridge» e «bluff», recorda-nos ter visto, entre outras, as seguintes pessoas:

Senhora Armendoriz del Castillo, condessa da Ponte, condessa de Seisal, condessa de Murça, condessa de Castro Martin, viscondessa de Silveiras, viscondessa de Sacavem, D. Luzia Patricio de Fratel, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Maria Tereza Valdez Pinto da Cunha, D. Berta Ortigão Ramos, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Eugenia Macedo Ribeiro Ferreira, D. Alice Pinto Basto, D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Maria de Jesus Gil de Gouveia Beltrão, D. Lea Coheo Zazury e filha, D. Cristina Cordeiro Roquete, D. Camilla de Paiva Raposo, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Maria Izabel de Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria do Carmo Conreiras Machado, D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Sampaio e Melo, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria Izabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Merita Abdar. hm Abecassis D. Clara Abrahamruzio, D. Maria Dargent Pereira Caldas, D. Albertina da Câmara Rodrigues Walden Supardo, D. Eliza da Guerra Baerlein, D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Ana Mar a de Barros da Costa, D. Alice de Sousa Melo, D. Stela Belmarço da Costa, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Maria Madalena Soto Maior Basto, D. Lujoivina Soares de Albergaria Diniz, D. Palmira Dogo da Silva de Sommer, D. Margarida Pinto Basto de Almeida, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Maria Cristina Ribeiro da Silva de Noronha, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Maria Eduarda Quaresma, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Maria Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Maria António de Melo Mendes da Silva, D. Joana de Castelo Branco Mendes da Silva, D. Catarina de Sousa Rego, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, D. Margarida Meud e de Almeida de Belo Ramos, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Maria Emilia Ozorio (Proença-a-Velha), etc.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos tanto financeiro como mundano.

Casamentos

Realizou-se, com muita intimidade, na capela da residência do sr. dr. António Centeno, a cerimónia religiosa, do casamento da sr.^a D. Maria Izabel Blech de Lencastre (Lousã), com o sr. Marc H. du Boulay, tendo servido de madrinhas as tias da noiva sr.^{as} D. Ana Reynolds de Sousa de Lencastre e D. Maria de Lencastre



Casamento da sr.^a D. Maria Rafaela Marciel Abreu Andrade, com o sr. Celestino José Soares Garcia, realizado na paroquial de S. Sebastião da Pedreira.

Pinto, e de padrinhos os srs. Visconde de Asseca (António) e D. Pedro Blech de Lencastre (Lousã), irmão da noiva.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Rafaela Marciel Abreu Andrade, filha da sr.^a D. Amélia Cecília Marciel de Abreu Andrade, e do major sr. Ricardo Martinho de Andrade, já falecido, com o sr. Celestino José Soares Garcia Gomes, filho da sr.^a D. Maria Joaquina Garcia Gomes e do coronel sr. Celestino Júlio Garcia Gomes.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Leonor Bettencourt da Camara e D. Maria de Lourdes Sampaio Soares e padrinhos os srs. Henrique Tristão Bettencourt da Camara e dr. António Rodrigues Soares.

— Na Basilica da Estrela, sendo celebrante o prior da freguesia monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma alocução, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Luiza Guerreiro, filha da sr.^a D. Izaura Guerreiro, já falecida, e do sr. António Francisco Guerreiro, com o sr. Mário de Oliveira e Silva, filho da sr.^a Maria Amália de Oliveira e do sr. João de Oliveira e Silva, já falecidos.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria das Dores Sobral Guerreiro e D. Maria Perdigo, tia do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. Luiz de Oliveira e Silva.

Terminada a cerimónia foi servido um lanche da pastelaria «Versailles».

— Em capela armada na residência do pai da noiva, realizou-se o casamento da sr.^a D. Margarida Pires Correia, filha da sr.^a D. Máxima Pires Correia, já falecida, e do sr. João Pires Correia, com o sr. dr. José Chaves Ferreira, filho da sr.^a D. Cristina Chaves Ferreira e do major sr. Antonio Bernardino Ferreira.

Foram madrinhas a tia da noiva sr.^a D. Ana Pires Correia e a mãe do noivo, e padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido um lanche da pastelaria «Versailles».

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.^a condessa da Póvoa. Mãe e filho, estão de perfeita saúde.

D. Nuno.

Quem matou o juiz Prince?



A pergunta que toda a imprensa francesa faz neste momento, ainda á volta do caso Stawisky, é a seguinte: Quem matou o juiz Prince? Nem a policia, com brigadas especiais, nem a comissão parlamentar, conseguiram, até agora, obter, uma pista que as levasse á descoberta dos criminosos. A verdade é que Prince foi amarrado a um *rail* e passaram por cima do cadaver, nada menos de sete comboios. . . A quem aproveitaria a sua morte?

Uma caçada na Polonia



Na Polonia realizou-se recentemente uma caçada presidencial que teve êco no estrangeiro. Foram abatidos mais de trinta javalis, vinte raposas e nove linces. Da comitiva do presidente da Republica da Polonia faziam só parte nove convidados e três secretarios. Na gravura, vê-se o chefe do Estado polaco marchando através da neve.

A terra tremeu na Índia Inglesa



Um violento abalo sísmico deixou em ruínas algumas cidades da Índia Inglesa, situadas a 160 quilómetros de Calcutá e a cerca de mil de Bombay. Causou alguns milhares de vítimas. Na cidade de Monghy — uma das mais prósperas e mais populosas de toda a Índia Inglesa — não ficou, pode-se dizer, uma casa que não fôsse um verdadeiro monte de ruínas.

PELO MUNDO FÓRA

O novo ministério espanhol



LERROUX voltou a organizar gabinete. Com excepção de três ministros, todos os outros ficaram ocupando as mesmas pastas. Por isso, na sua primeira reunião, — durante a qual se fez a fotografia que publicamos — nada mais se fez do que trocar impressões sobre os problemas pendentes e estudar os meios de sufocar as revoltas que alguns partidos políticos estão organizando.

Paris esteve dezoito dias sem «taxis»



A capital francesa esteve dezoito dias sem *taxis*, o que modificou muito a «fisionomia» da cidade. Durante esse período, o estrangeiro — pois que o parisiense, só o rico anda de *taxi* — teve de se servir do «metro» e dos «autobus». A greve dos *chauffeurs* resolveu-se, após várias *démarches* feitas por comerciantes e industriais, a quem prejudicava a falta de automoveis de praça. A razão da greve foi de protesto contra o aumento do preço de gasolina.

O pacto da segurança balkanica



Em Atenas — na Academia das Ciências — foi assignado, o mês passado, o pacto de segurança balkanica. Quatro ministros dos negócios estrangeiros o firmaram. São êles, da esquerda para a direita: M. Maximos (Grecia), Teofik Rouchdy ibey (Turquia), Tulesco (Romania) e Jeotitch (Jugo-Slavia). Em Atenas, nesse dia, houve festas várias e uma parada militar.

A morte do rei-alpinista



No vale de Chamonix, França, existe um pico com o nome de Alberto I, que tem 2816 metros de altura. Três guias, dos que acompanharam, em tempos, o rei dos belgas, em varias ascensões, resolveram, em homenagem ao rei-alpinista ir colocar no alto da pedra mais alta, duas bandeiras, uma francesa e outra belga. Quizeram assim, associar-se ao luto universal pela morte do rei-soldado.

O pintor Sorolla



Na cidade de Valencia — e denominando a praia — inaugurou-se um monumento ao grande pintor Sorolla, que faleceu há anos. É uma obra de Mariano Benlliure — o formidável escultor espanhol. Valencia prestou, dessa maneira, homenagem a um insigne valenciano, artista que honrou a patria onde nasceu.



Rudolf Pfenninger desenhando, no seu estúdio da «Emilika» o contorno duma vibração sonora. Em baixo, o preenchimento do desenho com tinta da China

É forçoso reconhecer que, apesar do seu rápido desenvolvimento, o fonocinema está ainda na infância. E ao dizermos isto, referimo-nos especialmente à parte sonora do espectáculo cinematográfico — diálogos, ruídos e música.

A técnica do som oferece já em nossos dias possibilidades enormes que não têm tido aplicação. Algumas destas têm sido menosprezadas pelos realizadores cinematográficos. Outras, não saíram ainda do domínio dos laboratórios, onde vão sendo pacientemente experimentadas.

Para boa compreensão de certos aspectos curiosos da técnica sonora que vamos expor, torna-se necessário recapitular algumas noções elementares relativas ao registo e reprodução de sons.

Sabe-se que nos filmes sonoros do sistema «Movietone» e semelhantes, o som se acha inscrito na margem da película sob a forma duma imagem alongada de cerca de dois milímetros de largura. Esta imagem som acompanha, nas cópias positivas que se exibem nos cinemas, a imagem projectada e com ela mantém um sincronismo rigoroso.

Vejam agora como se obtém a transformação dos sons em imagens fotográficas.

Sob a acção das vibrações sonoras produzem-se num microfone correntes electricas, cuja oscillação segue fielmente a modulação do som. Há vários processos para fotografar essas oscillações de corrente. Um deles consiste em alimentar com essa corrente uma lampada de tipo especial. A luz varia de intensidade em absoluta concordância com o som emitido diante do microfone. E a película limita-se a fixar uma série de pequenos traços de diferentes tons, desde o negro até o branco.

Este processo oferece, no entanto, desvantagens sérias. Exige da película um grau de sensibilidade que nem sempre é fácil obter e por essa razão torna mais frequentes as distorções de som.

E, mais usado por isso outro processo que nas suas linhas gerais se pode explicar assim: A corrente que provém do microfone é dirigida sobre um pequeno espelho que oscilla sob a sua acção. Este espelho reflete um raio de luz fixo. A vibração do espelho traduz-se, portanto, em vibração do raio de luz reflectida. Este pincel luminoso traça ao longo da película uma imagem sinuosa, semelhante aos dentes irregulares duma serra. É o contorno do traço inscrito que representa, pois, as variações do som.

Assim fixado em fotografia, o som é reproduzido na projecção por um processo que facilmente se compreende conhecendo-se as propriedades particulares da célula foto-electrica.



Este importante órgão do aparelho projector tem por missão transformar variações de luz em corrente electrica modulada. É formado por um ou mais metais, dos quais o selênio é o mais conhecido, que possuem a propriedade de modificar a sua resistência à passagem da corrente na proporção da luz recebida.

Por intermédio da célula foto-electrica, a imagem transforma-se deste modo numa corrente modulada que os amplificadores e alto-falantes reproduzem sob a forma de som.



A escolha dum sem no arquivo, para composição duma peça musical

CINEMA

Os prodigios da técnica do som

Como é possível criar ruídos, vozes e música empregando apenas

Conhecidas estas noções elementares é já possível fazer uma idea de alguns recursos postos à disposição do realizador dum filme sonoro.

A sobreposição de sons por exemplo é já corrente na prática e permite obter interessantes efeitos. Assim, quando numa cena um actor fala acompanhado pela música, os sons não são registados simultaneamente, visto que isso criaria grandes dificuldades ao actor e aos executantes. Registam-se a voz e a música separadamente e reunem-se depois por um processo conhecido nos estúdios pela designação de *mixage*.

Nas suas linhas gerais a *mixage* consiste em fazer passar os sons que se pretendem reunir ante células foto-electricas e reunir as vibrações electricas produzidas por essas células numa corrente única que impressiona a película definitiva.

Em face de cada célula existe um potenciometro ou resistência que serve para regular a intensidade da corrente e permite, deste modo, dosar os sons como melhor convier. Assim, no caso do dialogo acompanhado de música, regula-se o som desta de modo a não prejudicar a audição das palavras. Nos momentos em que os actores se calam deixa-se a música recuperar a sua intensidade natural.

No filme «Il était une fois» de Leonce Perret, faz uma curiosa *mixage* de ruídos para sonorização dum acidente de automóvel. Em diversas películas estavam registadas o som dum «klixon», o ruído dum motor em movimento, o ranger de freios numa travagem brusca, e finalmente o estrondo da colisão. Para obter este último ruído imaginou-se o seguinte engenhoso meio: fez-se cair do alto duma escada uma caixa cheia de ferragens que veio chocar com outra cheia de vidros colocada no último degrau. O microfone registou esse estrondo, que, junto com outros ruídos, dava completa illusão de realidade ao acidente.

Por um processo idêntico se obtém a «fusão encadeada» dos sons. Um ruído ou uma música desvanecem-se pouco a pouco para dar lugar a outro que aumenta progressivamente. Este processo corresponde ao usado nas imagens para transição gradual duma cena para outra.

Mas a técnica do som é, sobretudo, abundante em aplicações imprevisitas.

Supunhamos que durante a filmagem duma partitura um instrumentista deu uma nota falsa.

É desnecessário repetir a cena desde o principio. Basta registar um ou dois compassos em que se verificou o erro e intercalá-los durante a montagem do filme. Esta operação torna-se relativamente fácil com o auxilio da «Moviola», pequeno aparelho que reproduz sons e imagens e que existe em todos os *ateliers* de montagem.

Outra possibilidade inesperada da técnica do fonocinema consiste em modificar a natureza do som registado. Quando se fixam acordes de piano, por exemplo, ouve-se distintamente o ataque da tecla e a ressonância que deminui gradualmente. Se suprimirmos a parte da imagem-som relativa ao ataque da tecla, resultará uma série de acordes muito suaves, tal como nenhum piano poderá produzi-los. Mas se, pelo contrário, suprimirmos a imagem-som da resso-



Tres fragmentos de filme com aspectos do registo sonoro: uma imagem dum desenho animado, uma cena de «marionettes» e uma nota de canto

nância teremos uma série de notas secas cuja efeito será dos mais estranhos.

Mas pode obter-se resultados mais imprevisitos ainda por meio dum simples *truc* que o cinema usou largamente nos seus primeiros tempos — o filme projectado de trás para diante. Neste caso, a palavra mais banal adquire sonoridades estranhas e incompreensíveis. No filme «La petite Lise», por exemplo, surge em certa altura um mercador oriental que lança o seu pregão exótico. O realizador não se preocupou em dar autenticidade ao pormenor. Limitou-se a montar às avessas a expressão francesa «Marchand d'habits». Invertidos os sons, a frase torna-se ininteligível. E o espectador nem por um momento pôe em dúvida que está ouvindo um confuso dialecto oriental.

No filme «Zero de Conduite» o compositor Maurice Jaubert fez uma aplicação mais original ainda deste *truc*. Tratava-se duma peça musical a que se queria imprimir carácter extravagante para que bem se adaptasse às imagens fantásticas a que devia servir de acompanhamento. A passagem em questão foi escrita por ordem inversa, nota por nota, e assim executada. O registo do som foi, por sua vez, montado em sentido contrário e a ordem das notas musicais ficou, portanto, restabelecida. Mas em lugar de cada nota começar pelo ataque e acabar numa ressonância decrescente, dava-se o contrário e a música tomava assim um carácter anormal que

Imagem duma cena interrompida por Joan Crawford e Clark Gable. Sentado, o realizador Robert Z. Leonard que dirige esta produção da «Metro»



se amoldava com felicidade às imagens estranhas que a acompanhavam.

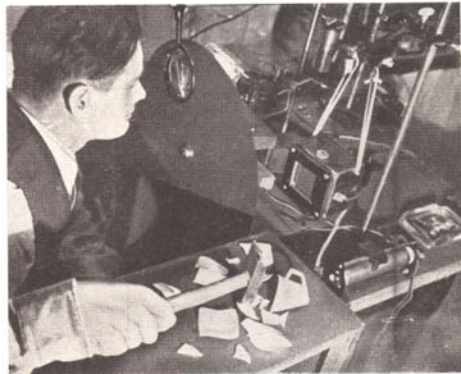
As aplicações deste *truc* tão simples são imensas e abrem horizontes novos à ciência acustica. Imaginemos que se regista a pancada dum tambor. O som consiste num ruído forte que se transforma num sussurro brando e que acaba por desaparecer. Projectado em sentido contrário teremos uma vibração suave que cresce

nehiro de Munich, de nome Rudolf Pfenninger é o autor desse singular invento. Consiste ele em desenhar uma imagem semelhante aos dentes duma serra, cujas irregularidades produzem a modulação do som. Essa imagem, depois de fotografada e projectada segundo o processo usual dá origem a sons que o desenhador criou apenas por meio de tinta da China.

A técnica é difícil, mas as suas possibilidades são incalculáveis. Tudo aí pertence ao domínio da fantasia. O desenhador pode criar ruídos que não existem, descobrir ressonâncias irreproduzíveis com os actuais instrumentos, encontrar acordes e sobreposições de sons desconhecidos. Nada lhe está vedado porque a maleabilidade do seu traço é infinita.

Uma aplicação curiosa deste invento, que cedo ou tarde terá aplicação na prática, consiste no retoco dos sons. O desenhador poderá modificar como melhor convier as notas duma partitura ou a voz dum personagem, cujo timbre não satisfizesse as exigências do realizador. Para isso basta-lhe a rectificar a linha sinuosa traçada no rebordo da película.

Como acabamos de ver, o fonocinema dispõe já em nossos dias de vastos domínios inexplorados. E a aplicação integral dos seus grandes recursos não deixará por certo de nos reservar as mais maravilhosas surpresas.



O estudo das vibrações sonoras por meio do «oscillografo» que as torna visíveis

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

CORREIO

Azevedo e Bourbon — Coimbra. — Com os nossos agradecimentos pela colaboração enviada, rogamos ao prezado confrade o favor de só utilizar para esta secção os dicionários que adoptamos, para evitar que sejamos forçados a não publicar os seus artigos, facto que muito nos contrariaria.

Jobema (...) — Ponta Delgada. — Muito gratos por tudo. Esperamos a continuação.

Rosa Parda — Lisboa. — Sim senhor. São uma e a mesma pessoa. Ao resto não respondemos, porque não vale a pena... e porque achamos curiosidade em demasia...

Dialieba — Reguengos de Monsaraz. — Muito gratos pelas palavras do ilustre confrade e pelos trabalhos enviados. Creia que é com grande prazer que registamos o seu aparecimento nesta secção e muito folgaremos em que por cá se demore.

IMPRENSA

Scientia — de Lisboa. — Recebemos o primeiro número desta esplendida revista mensal, órgão dos estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, em que o nosso prezado confrade *Lérias*, moderno mas grande propagandista e defensor do charadismo, que muito nos tem honrado com a sua preciosa colaboração, ensaia os primeiros passos de *Oásis de Egipto*, secção charadística cuja direcção muito justamente lhe foi confiada. É mais um elemento de propaganda que a nossos olhos se apresenta, e que, dada a fogaosidade do seu inteligente e hábil director, vai por certo abrir novos horizontes à causa charadística, proporcionando a quantos pela arte se interessam e esforçam mais um campo de torneios.

Muito gratos pelo exemplar oferecido.

APURAMENTOS

N.º 2

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

OLHO DE LINCE	
N.º 19	15 votos

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

BRAZ CADUNHA	
N.º 20	11 votos

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 24, D. Simpático, 1 voto.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 25 pontos:

Rei Viola (T. E.); Africanista, Jofete, Rui Helmingo Rupama, Veiga, Zé Nabo, (da T. E. L.); Antomar, Lérias, Micles de Tricles, Olho de Lince, *Ida T. E. e T. E. L.*; Deka, Frá-Diávo, Pecadora, Zé Banana, Historiador, Zica, Cantante & C.^a, Xicantunes, Fontelísio, Deniz Lima.

QUADRO DE MÉRITO

Verdegaio, 20. — Apolo V, 19. — Azevedo e Bourbon, 18. — Katavento, Faro Leiro, 16. — Ziúlaice, 13.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 6

DECIFRAÇÕES

1 — Fala-lado-falado. 2 — Tia-ara-tiara. 3 — Ave-velar-avelar. 4 — Maga-gana-magana. 5 — Estolido. 6 — Bôca-aberta. 7 — Sistema. 8 — Galear. 9 — Coquete. 10 — Lanterna. 11 — Herniária. 12 — Corso. 13 — Pagela-pala. 14 — Voventevote. 15 — Perneira-perra. 16 — Anágua-água. 17 — Canhoto-cato. 18 — Gesta, mesta, gosta, geita, gema, gesto. 19 — FASCO, FASTO, CASCO. FISCO, FOSCO. 20 — MANÉ-GOSTOSO. 21 — Nana. 22 — Moda. 23 — Propontido. 24 — *Melodia*. 25 — As virtudes vencem sinais.

CHARADAS EM VERSO

1) Adoro-te, ó luz solar!
Bendita sejas, ó luz!
Que alimentas meu pesar,
A tristeza, a dor e a cruz. — 3.

Quando nascia a manhã,
Repleta de Sol, num *ermo*. — 1
Me ia sentar, com afã,
De à minha cruz pôr um termo ..

Consegui. E *tempstuoso*
Já não está meu coração.
Pois já canto, rio e gozo.

Já chorei, mas foi de vez,
Por isso te estimo ó Sol!
O lindo Sol português!

Lisboa António dos Reis Rodrigues

A «*Romântica*», admirando o seu lícido espírito e vasta erudição)

PRECES AMOROSAS

2) e era assim:
Eu adorava-te tão loucamente,
Com tal paixão e tamanho ardor,
Que não vi em teus olhos a torpeza, — 1
Com que tu, ferina e cruelmente, — 1
Impassível, feriste o meu amor.

12) ENIGMA, FIGURADO



Recordo o que foste — só nisso eu [penso] —
Que me importa a mim o que tu hoje [és?]!
Sòmente o que foste num tempo [imenso]
E' que eu admiro, qual neo Moisés,
De acções e feitos, os mais gloriosos,
Eu admiro teus olhares piedosos...

Não te recordas duns felizes preságios
Que em suave «lirt», entre madrigais,
— Como que orlados por ditos banais —

Me segredaram os teus doces lábios?!...
Não te lembras, não, porque êsse lembrar,
Te leva à mente o meu atroz penar...

Queres porém ver, meu suave amor,
O que me resta dêste afecto gigante,
Do qual tu foste a estrêla rutilante?
Vou-te dizer em gritos amort'cidos,
O que chamam estes nervos vencidos,
Inertes, por uma profunda dor:

Amor, amor, oh juv'nil mocidade,
Amor, amor é na realidade,
O mote satélite da Saudade...

Lisboa *Vidaigre* (S. C. L.)

ENIGMAS EM VERSO

3) A minha cauda val dez vezes mais
do que a cabeça que vaidosa ostento!
É nada vale o meio. Mas são iguais
a cauda e a cabeça,
embora não pareça,
de certa forma que não apresento.

Do seu mistério é tudo quanto sei,
nada mais é preciso; que se entende
que desta simples forma que vos dei,
que o todo aí estáá
e que afinal nos d'
artigo conhecido e que se v'nde.

Queluz Carlos Elmano (T. E.)

4) Inda não sabe a lição.
Vá depois ler, atenção,
O que lhe mandei estudar
Para conseguir obter
Boa nota, p'ra vencer,
E' preciso trabalhar.

Lisboa *Lérias* (T. E.)

5) Quatro letras, adivinhantes,
No todo decerto achais.
Prima e tertia consoantes,
Segunda e quarta vogais.
Aqueles são diferentes,
E estas são bem iguais.
Isto tudo — que arrelia!
E' certo peixe africano,
Semellante à enguia;
E não pode haver engano.

Luanda *Ti-Beado*

CHARADAS NOVÍSSIMAS

6) Vem a mim «mulher» deixa lá o mexerico. 1-2.
Lisboa *Africanista* (T. F. H.)

7) Maldita inveja!... Pões obstáculos a tudo,
com teus infames grilhões! 2-2.
Ponta Delgada *Jobema* (...)

8) Só no *caixã* se desfará o laço do nosso
«secreto» amor. 2-1.
Lisboa *Moreninha*

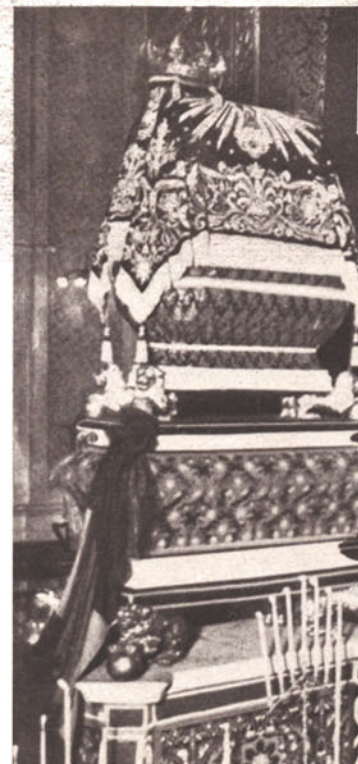
9) A *caminho* da «Penã», vai sempre qualquer
passageiro. 2-1.
Luanda *Ti-Beado*

10) O *estandarte dos templários* foi encontrado
debaixo dum *montão* de pedras, cheio de nódoas
de *vinho* 2-1.
Lisboa *Veiga* (T. E. L.)

CHARADA SINCOPADA

11) Tu és um miserável que tem um *rasgão* na
face. 3-2.
Coimbra *Azevedo e Bourbon* (T. E.)

Toda a correspondência relativa a esta secção
deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.



AS EXÉQUIAS POR ALMA DO REI ALBERTO — Na igreja de S. Domingos realizaram-se exéquias solenes por alma do rei Alberto da Bélgica. Assistiram à piedosa cerimónia o Chefe do Estado, Cardeal Patriarca e quísi todos os membros do govêrno e do corpo diplomático. Na gravura que inserimos ao alto da página vê-se, à esquerda do sr. dr. Oliveira Sa-

lazar, o ministro da Bélgica em Lisboa, sr. Lichterwelde. Todo o templo, completamente cheio, apresentava um aspecto de extraordinária grandeza e imponência. O mundo oficial compareceu todo: alto funcionalismo, comandantes militares e navais, juizes, representantes das Ligas dos antigos combatentes belgas, franceses, ingleses e italianos, das Câmaras do Comércio francesa e italiana, dos corpos consulares e grande número de pessoas de representação. Foi monsenhor Pereira dos Reis quem celebrou a missa.

REPORTAGEM GRÁFICA DA QUINZENA

Os quintanistas de direito receberam, há dias, na igreja dos Mártires, a bênção das suas pastas. Assistiram ao acto os professores srs. drs. Carneiro Pacheco, vice-reitor da Universidade de Lisboa, Lino Neto, Paula Nogueira, Simões Neves, Pinto Coelho, João Correia da Silva e Lupi Nery. Os ministros da instrucção e da agricultura fizeram-se representar, respectivamente, pelos srs. Francisco Meireles e engenheiro Peres Durão. Em seguida os alunos fizeram a fotografia que abaixo publicamos.



VIDA FEMININA

tentar Mas justamente vai excitar no homem os seus peores instintos. Os países que mais adiantados se mostraram, aqueles em que primeiro a mulher igualou o homem na vida de trabalho e na vida de prazer, aqueles em que a mulher primeiro pôs de parte o natural pudor feminino, para usar "maillot", exíguo, fazer ginástica e desporto, onde num regresso à natureza chegou a abandonar o mais leve vestuário, são hoje os primeiros países a reconhecer que avançaram demais e que é necessário retroceder. Na Alemanha, o país onde mesmo antes da guerra, já a mulher possuía uma grande liberdade, o país onde ela trabalha como um homem, reconhece que a vida feminina tem de ser outra. Os "nazis", no excesso de todos os movimentos novos, têm-se excedido na repressão das liberdades femininas, exigindo com violências que não contribuirão talvez para a mulher alemã a modificar a sua maneira de ser, a que se não pinta, a que não fume, a que volte a ser a mulher caseira, aquela que se interessava pelas três "K. Nürche,, "Küche,, e "Kindern,,. O sistema de despir a mulher que se pinta, que fuma, que vive, nos "dancings,, e expo-

aos insultos do público, não me parece que seja a melhor. Mas Goebbels, que é sem dúvida uma grande cabeça, num seu discurso pôz as coisas no seu devido lugar, e, diz que a mulher pode continuar a sua vida intelectual e de trabalho. Arranjar-se para agradar, e voltar a ser a mulher de sua casa, aquela que não desdenha fazer um acepipe para o jantar, tratar das crianças e pensar primeiro no seu lar, do que nos divertimentos. Entre nós que nunca se avançou tanto, é preciso menos trabalho para que as coisas entrem na ordem. E é bom que a mulher compreenda o seu dever de mãe e de esposa. E que sirva de exemplo às futuras mãis, do que é a vida e quais são os resultados da educação, dos que nasceram na época da guerra e que são a geração de agora. Não falarei dos filhos das que tiveram de trabalhar. Essas foram forçadas pelas circunstâncias a abandonar os seus lares e a educação de seus filhos a mercenários, mas sim das senhoras da sociedade, que por "dancings,, chás, "bridgs,, e "Ma Jong,, passaram os seus dias, deixando os filhos entregues a criadas e que hoje os vêem sem maneiras, com uma linguagem ordinária, sem respeito por coisa nenhuma, e muito felizes são, quando eles não cometem actos que são uma baixaza de carácter e uma vergonha. Que as mulheres de amanhã aproveitem da vida moderna aquilo que ela tem de verdadeiramente útil e interessante e que deixando aquilo que nada tem de valor como o jôgo, o fumo e tantas outras coisas, saibam ser

mães exemplares e educadoras perfectas. Compreendendo o seu papel na vida e preocupando-se mais em ter filhos que sejam as sua glória e a do seu país, do que em ser mulheres livres que demonstram a sua liberdade, exibindo os vícios que dantes acusavam os homens, o jôgo, a bebida e o fumo.

Maria de Eça.

A moda

CADA vez se acentua mais a tendência da moda para os vestidos magestosos e para os abafos suntuosos, que dão à «silhouette» feminina um aspecto solene e de grande elegância. Para de dia continuam a usar-se os leves e graciosos vestidos de lã ou sêda, que um simples casaco, que serve de agasalho completa, e, torna mais prático. Damos hoje um lindíssimo modelo de vestido de noite em veludo preto. Extremamente decotado nas costas, exige uma plástica muito perfeita e umas espáduas sem defeito, porque nada há mais feio do que ver um vestido de noite muito descido numas costas muito gordas cheias de refegos de carne, ou duma triste magreza, que nos permite estudar anatomia nelas. Este vestido de amplo decote é guarnecido com um ramo de rosas, que lhe dá muita graciosidade, a sua grande cauda aumenta o seu aspecto de grande «toilette».

Como abafo temos uma elegantíssima capa. Último modelo dum grande costureiro de Berlim, este agasalho tem uma maneira de cair que torna a senhora que a usa uma verdadeira está-



A mulher depois

da guerra, conquistou o seu lugar na sociedade ao lado do homem. Mas não foi só no trabalho que as suas vidas se tornaram quasi iguais. Tôda a sua vida se modificou. Passou a frequentar os divertimentos, a ter os mesmos usos, a fumar como êle, a beber, a fazer desporto. Adquiriu energia, decisão e força física. Mas como nunca a mulher poderá ser a igual do homem, torna-se mais "coquette,, na sua maneira de se arranjar. A mulher que antes se não pintava, passou a fazer o seu rosto à sua fantasia, a ter a côr de cabelo que lhe apetece, e a lutar com a vida e com a natureza, impondo aquilo que deseja e não se preocupando com os preconceitos que antes a ligavam, nem com os ditames que antes a dirigiam. A doçura, a suavidade, todo o encanto que possuía a mulher do lar, a mulher de outros tempos, precisava substituir a mulher de agora, por qualquer outra coisa, para não perder o seu império sobre o homem e não o desinteressar em absoluto. E foi procurar a mais perigosa arma: o coquetismo. O homem que vai num automóvel com uma camarada que o guia, convidado por ela para assistir a um "match,, de "tennis,, ou de "polo,, ouvindo-a usar da mesma linguagem que êle, vendo-a fumar a mesma marca de "cigarettes,, poderia julgar se na companhia de outro homem; para evitar isso a mulher, na primeira paragem, puxa da caixa de pó de arroz, o "rouge,, e o "bâton,, e refaz a sua "maquillage,, diante dêle, lembrando-lhe que é mulher e que não renuncia a agradar e a

tua antiga, pela sóbria elegância. Em veludo preto é toda forrada a veludo azul turquesa.

Outro agasalho para a noite é o lindíssimo casaco de arminho branco, cuja gola «drapé» forma atrás um gracioso efeito de «capuchon».

Os grandes canhões que são duma grande importância, sobem até aos cotovelos, e, são em «vison». O contraste entre as duas peles é dum grande imprevisito e está actualmente muito em voga.

É um abafado rico e que se pode usar em todas as estações, porque o arminho é uma pele de grande leveza o que faz com que possa ser aproveitado em certas noites muito frescas de primavera e até mesmo de verão, nas estações de altitude e à beira-mar.

O chapéu é sempre motivo de preocupação e está sempre a mudar a sua posição na cabeça. Depois dos chapéus quasi no nariz, os chapéus voltam a usar-se na nuca. Damos um lindo modelo em feltro preto, guarnecido com uma flor em veludo branco. Deixa livre a testa deixando ver a nascença do cabelo. O outro é um gracioso modelo em seda xadrez, a grande moda. Na primavera vão usar-se muito os chapéus em seda, que são leves e muito práticos, porque se podem usar com todo o género de vestidos. Este chapéu tem ainda a inclinação para a frente o que nos demonstra que a moda tudo permite e que o que é preciso é escolher o que melhor nos fica, preocupando-nos na escolha do que nos favorece, e que mais bonitas nos torna.

De mulher para mulher

Baby: Na sua idade não há neurastenia. Trabalhe, leia, passeie, tenha uma vida útil para si e para os outros e verá como lhe passa essa fantasia tão imprópria duma rapariga nova, que tem toda uma vida diante de si e que tem obrigação de fazer o possível para que essa vida seja útil e boa.

Eva: A curiosidade é natural nas filhas de Eva e sobretudo, uma tão simpática curiosidade. Nunca é ridículo aprender seja qual for a idade é sempre uma prova de inteligência o desejo de saber e oferecendo-se uma ocasião única de aprender o inglês nessas condições, andaria muito mal se a não aproveitasse, com medo ao ridículo. Olhe que essa preocupação é doentia.

Violeta: Saia todos os dias com a sua filha. A criança o que está é estiolada de estar sempre metida em casa. Nada mais anti-higiénico para uma criança. Leve-a para os jardins, para o parque Eduardo VII, para o Campo Grande para sítios onde ela brinque à sua vontade. Estou certa que foi o conselho, que lhe deu o médico, que ela nada tem.

Dualidade

Há na Inglaterra um multimilionário, que fabrica duas qualidades de espírito: o do «whisky» e o dos aforismos. Passa por ser um dos homens mais espirituosos da Inglaterra, independentemente da sua profissão de produtor de alcool. Num recente discurso, de menos dum quarto de hora, Lord Dewar pronunciou mais epigramas do que um homem normal pôde dizer num ano. Eis alguns deles: «A vida é uma rua na qual se anda em direção única; e nunca se pôde voltar atrás». «O melhor meio para ser feliz é, trabalhar tanto que não haja tempo para ser infeliz». «É necessario procurar viver de maneira que somente o dono da agência fúnebre, tenha razões para se alegrar com a nossa morte». «Habilidade sem entusiasmo é como uma espingarda sem projectil». «Os países mais civilizados, hoje, são aqueles em que se fabricam os gazes mais venenosos e mortíferos, mas que enviam missionários para converter as populações não cristãs». «O homem nasceu para sofrer; e quando já é muito velho para se apaixonar, aparece-lhe a gota». «O desporto dá fúrias ao cérebro, não deixa ruminar os poderosos problemas da vida». «Lord Dewar falou também da importância das cartas de apresentação, e contou a sua experiência própria. «Quando cheguei, há quarenta anos a Londres vindo da minha província, vinha armado de duas cartas uma para um homem que tinha morrido e a outra para um homem que tinha falido».

Higiene e beleza

UMA das coisas que mais importância tem para a beleza é o repouso para dormir deve escolher-se um quarto amplo e ventilado, sendo possível dormir com a janela aberta, depois de estar bem agasalhada na cama e sem correntes de ar. O leito não deve ser demasiado mole, no quarto não deve haver flores, nem perfumes, nem luzes, nem fogões acesos. Dormir às escuras proporciona maior repouso ao organismo. A posição no leito é indiferente. Devemos deitar-nos sobre o lado direito com a cabeça um pouco mais alta mas não muito, para que o sangue irrigue bem o cérebro. O queixo levantado para evitar a dupla barba. Não nos devemos deitar sem deixar passar três horas sobre a comida. Deve-se repousar pelo menos nove horas e não nos devemos deitar depois da meia noite, salvo



alguma excepção, porque da meia noite às nove são as horas em que o sono é verdadeiramente reparador. Dormindo a sesta deve haver cuidado em não se deitar antes das três horas. Algumas belas célebres dão tal importância ao repouso que de dez em dez dias ficam um dia na cama sem se ocupar em leituras, nem em nenhum exercício que perturbe um completo descanso, físico e moral. E quem quiser conservar a juventude além do seu próprio limite, tem de ter muito cuidado com o repouso.

Fidelidade

Os jornais de Mayence contam um exemplo de fidelidade canina surpreendente.

Um habitante da margem esquerda do Reno, vendeu uma sua cadela a um amigo que habitava do outro lado do rio. O animal estava prestes a ser mãe. Passaram duas semanas e a cadelinha que tinha dado à luz cinco cãesinhos, um dia abocanhou um dos cachorros saltou o muro do jardim, deitou-se ao rio, que tem muita corrente e é largo, e voltou para a sua antiga morada. Encontrou o seu nicho, depoz o filho e tornou a partir e durante a noite refez mais quatro vezes o caminho, para trazer para ali toda a ninhada. Na manhã seguinte o antigo dono viu-a saltar à sua volta, contente e feliz, como se não tivesse feito tão fatigante mudança. É facil imaginar as conseqüências do seu acto. O antigo dono reembolsou o amigo do preço que lhe pagara pelo animal e ficou com a cadela, que tão dedicada lhe é e com todos os seus filhos. É um exemplo de verdadeira fidelidade, em que os cães levam muitas vezes à palma aos humanos.

Pensamento

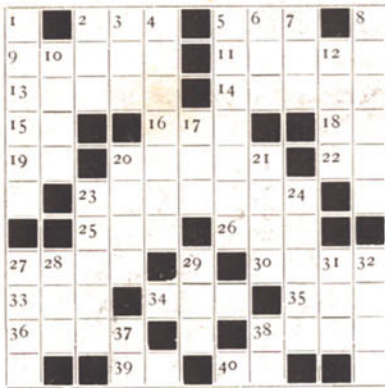
Quem nos lisongia tem em geral a intenção de nos enganar.

(La Fontaine).



Palavras cruzadas

(Problema)



Horizontalmente:

2. — Temporada. — 5. Letra do alfabeto grego. — 9. Terra de Portugal. — 11. Cidade de França. — 13. Imperativo dum verbo. — 14. Cidade famosa na Frigía. — 15. Abandonado. — 16. Oceano. — 18. O que é indispensável á vida. — 19. Duas vogais. — 20. Arbusto marítimo. — 22. Duas consoantes. — 23. Doença infecciosa. — 25. Interjeição. — 26. Palavra inglesa. — 26. Ser imaginário. — 30. Opera de Verdi. — 33. Resa. — 34. Chefe dum Estado. — 35. Tecido peludo. — 36. Flôr. — 38. Habita. — 39. Nota de musica. — 40. Nota de musica.

Verticalmente:

1. Habitantes dum país na Asia. — 2. Mulher da Biblia. — 3. Na ratoeira. — 4. Animal. — 5. Penetrara. — 6. Possuir. — 7. Circulo de metal. 8. Jogo de cartas. — 10. Femea dum animal feroz. — 12. Criadas graves. — 17. Pedra sagrada. — 20. Não fala. — 21. Plana. — 23. Costumes. — 24. Guarida dos pobres. — 27. Porta externa. — 28. Anel. — 29. Bom e util. — 31. Caridade. — 32. Pequeno. — 37. Soprô. — 38. Cruel.

O país das esmeraldas

O país mais rico em esmeraldas é a Colombia. As joias maravilhosas, de cor verde, que desde tempos imemoriais têm adornado as coroas reais encontram-se nos Balkans, na Russia e na India, mas os mais belos exemplares são tirados das minas daquela republica sul-americana.

Os inesgotaveis depositos destas preciosas joias constituem uma das mais fortes fontes de receita da República da Colombia. A sua produção é incalculavel e o seu tamanho, brilho e pureza não têm rival.

A maior e mais bela esmeralda até hoje conhecida é a que possui o duque de Devonshire em cuja familia tem estado durante varias gerações. Foi extraída das minas da Colombia e o seu peso é de 1.563 quilates!

No Museu das Belas Artes de Viena existe outra notavel esmeralda oferecida ao imperador Maximiliano por Carlos V, de Espanha. Também foi extraída dos jazigos da Colombia e dela se fez uma preciosa caixa de rapé.

Pensamentos

Mudai um homem de classe, condição e circunstancias; vê-lo-eis mudar imeditamente, de opiniões e de costumes.

Na mitologia representava-se a prudência como uma divindade com dois rostos, um voltado para o passado, outro para o futuro.



Problema de bridge

Espadas — D. 7, 5.
Copas — R. 9.
Ouros — — — — —
Paus — V. 10, 8.

Espadas — 10, 9, N Espadas — 3.
8, 6. Copas — 5. Copas — 6.
Copas — V. 10. O E Ouros — 6.
Ouros — 9, 7. S Paus — R. 7, 6,
Paus — — — — — 5, 2.

Espadas — 2.
Copas — 5.
Ouros — D. 8, 5, 2.
Paus — 9, 4.

Sem trunfo. S. joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

Feita a 1.^a vasa em copas e a segunda com o Az de paus S verifica que precisa desembaraçar o naipe de paus do seu parceiro, baldando-se a uma carta de paus e volta a jogar copas.

Se O entra e tira as outras três cartas de copas, faz 4 vasas, mas S baldando-se a uma carta de paus, quando volta a ter a mão em ouros ou espadas, tira as cartas firmes e dá a mão a N em paus, cumprindo a marcação.

Se O entra nas copas e joga ouros ou espadas, ou se cede a carta de copas, não dando ocasião a que S se balde a uma carta de paus, S joga o rei de copas e quando volta a ter a mão joga uma carta de paus, que N cede para E fazer a vasa e ser obrigado a jogar espadas ou ouros. S toma a mão, tira as cartas firmes e joga paus.

Neste caso, por O não ter tirado as suas quatro cartas de copas, S fará mais uma vasa do que as da marcação.

O espírito inglês



O pai: — Isto é perfeitamente escandaloso! Namorares uma Criada!

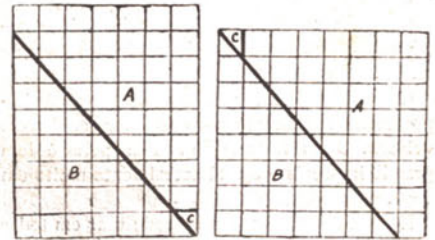
O filho: — E quero casar com ella!

O pai: — E tens o arrojo de dizer isso sabendo a dificuldade que há em arranjar criadas!

(Do «Punch».)

Quadrado misterioso

(Solução)



A figura da direita indica a maneira de dividir o quadrado, e a da esquerda o modo de ajustar de novo os tres pedaços para que resultem 63 casas em vez de 64 do quadrado primitivo.

Os «risonhos»

É o nome de uma seita que existe na Hungria, recentemente fundada em Hadju e Izabolcz, depois de ter sido já dissolvida pelas auctoridades, quando pela primeira vez se fundou na região de Debrecen. Os «risonhos» assentam a sua doutrina num versículo da Biblia, segundo o qual os homens devem apresentar-se alegres diante de Deus. Estas palavras são interpretadas como impositoras do dever de rir materialmente. A forma destes originaes fanaticos principiarão as suas orações é a seguinte: «Somos alegres, Senhor, pela tua glória!»

Para elles, o riso alcança as graças divinas e a cura das proprias doenças do corpo.

E assim vão levando a vida a rir!

Casamentos de homens celebres

Dante foi um dos mais apressados: casou aos 24 anos; Mozart, aos 26; Franklin, também, Napoleão, lord Byron e Washington, aos 27; Rossini aos 30 (e em segundas núpcias aos 44 anos); Schiller aos 31; Aristofanes aos 36; Lutero, aos 42; Buffon, aos 55; Goethe, decano dos jovens esposos, cerca dos 70 anos.

Xadrez

(Problema)

Consiste o problema em colocar seis Damas e quatro Reis no taboleiro, de modo que nenhuma Dama esteja en prise e nenhum Rei em cheque.

Verdade e poesia

Chegaram o mês passado a Londres duas hindús — formosas e celebres — Miravati Devi e Atiya Begum.

Esta última é talvez a maior compositora das Indias, na actualidade. Publicou já vários livros. Atiya Begun aceitou o convite da duquesa de Atholl para falar ás mulheres que fazem parte da Camara dos Communs e bem assim realizar conferências perante varias organizações femininas de Inglaterra. A um jornalista que a foi entrevistar, declarou a escritora que nenhum trabalho de regeneração se podia efectuar hoje em qualquer país sem a colaboração directa e íntima da mulher.

Miravati Devi é conhecida pela «Pawlova hindu». Vive unicamente para a sua arte. «A música, a pintura, a escultura — diz ella — são expressões definidas de idéas. A dança é a poesia no movimento, a interpretação, em acção, dos pensamentos humanos. A humildade do espirito e a analyse aprofundada de cada gesto, cada passo, cada impressão da alma são indispensáveis a quem considera a dança uma das belas artes».

Acaba de sair a nova edição do

CONDUTOR DE MÁQUINAS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVRO MUITO ÚTIL
E REPLETO DE GRAVURAS

1 vol. encad. em percalina **25\$00**

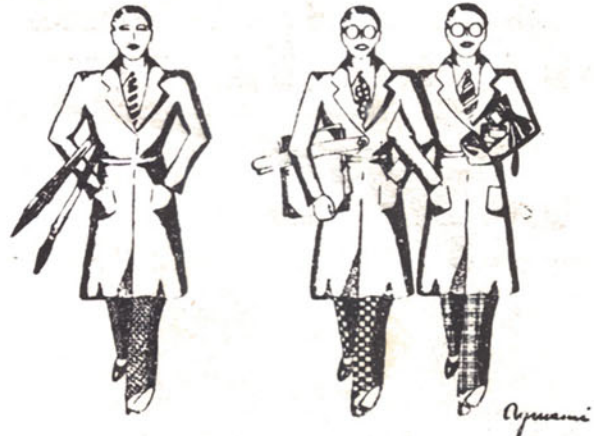
Pelo correio à cobrança **27\$50**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE

2 1308

BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas { brochado 10\$00
encadernado 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA :: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÊNEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitões (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Taveira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

**À venda os últimos
exemplares do**

Almanaque Bertrand

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas. Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 págs., ornado de 463 gravuras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Última novidade literária

O livro duma das mais distintas escritoras portuguesas

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado **10\$00**
encadernado **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

**A' venda em todas
as boas livrarias**

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 375 páginas { brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saíu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 30\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

LIVROS

DA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

- Algebra Elementar, 1 vol. enc. 13\$00
- Aritmética Prática, 1 vol. enc. 13\$00
- Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. . . 12\$00
- Elementos de Química, 1 vol. enc. 15\$00
- Elementos de Mecânica, 1 vol. enc. 12\$00
- Elementos de História de Arte, 1 vol. enc. . 25\$00
- Física Elementar, 1 vol. enc. 15\$00
- Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc. . 15\$00
- 0 livro de Português, 1 vol. enc. 12\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUSA COSTA**

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de **JOÃO BRANDÃO**

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cônegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avó. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire**
e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca**

Um formosíssimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
(S. A. R. L.)

Excursões ao Algarve

durante os meses de Fevereiro e Março
época das

AMENDOEIRAS EM FLÔR

PARTIDAS

de LISBOA-T. do Paço

ITINERÁRIO (via Sado):

LISBOA — Vila Rial — Lagos
ou
— Lagos — Vila Rial
e VOLTA

com direito a paragem, à ida e à volta, em tôdas as estações algarvias além de Tunes.

Bilhetes válidos durante

10 DIAS

improrrogáveis

devendo a viagem de regresso, da última estação algarvia de paragem, iniciar-se até às 24 horas do 10.º dia de validade.

Preço por passageiro:

em 1.^a classe . . . **169\$**

) 2.^a) . . . **125\$**

do PÔRTO

ITINERÁRIO (via Norte-Sado):

PÔRTO — Lisboa — Vila Rial — Lagos
ou
— Lisboa — Lagos — Vila Rial
e VOLTA

com direito a paragem, à ida e à volta, em Lisboa e em tôdas as estações algarvias além de Tunes.

Bilhetes válidos durante

12 DIAS

improrrogáveis

devendo a viagem de regresso, da última estação algarvia de paragem, iniciar-se até às 24 horas do 12.º dia de validade e não podendo a partida de Lisboa fazer-se depois do 13.º dia.

Preço por passageiro:

em 1.^a classe . . . **316\$**

) 2.^a) . . . **228\$**

A travessia da Capital é de conta dos Srs. Passageiros

O prazo de validade começa a contar-se no dia da venda

Aos portadores destes bilhetes permite-se a utilização dos combóios rápidos, mediante pagamento das taxas de velocidade.

E' permitida a mudança de classe como se o passageiro fôsse portador de bilhete da Tarifa Geral.

Estes bilhetes não dão direito a transporte gratuito de bagagem registada.

Em tudo o mais regulam as condições da Tarifa Geral.

Estes bilhetes estarão à venda desde 1 de Fevereiro até 15 de Março nas Estações de Lisboa-Rossio e Lisboa-T. do Paço e na do Pôrto.

Lisboa, 27 de Janeiro de 1934.

O Director Geral da Companhia — A. de Lima Henriques

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos
conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor
e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*Os segredos da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR, NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HELICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA



Oficina de composição

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

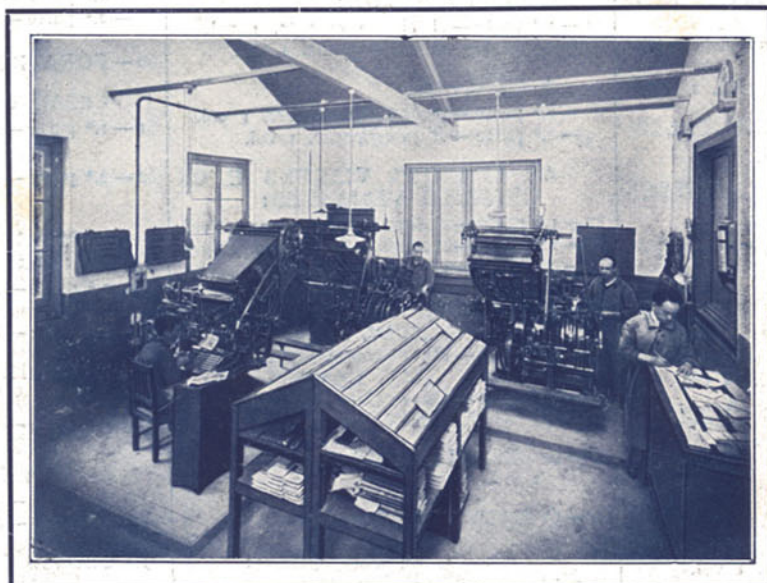


LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

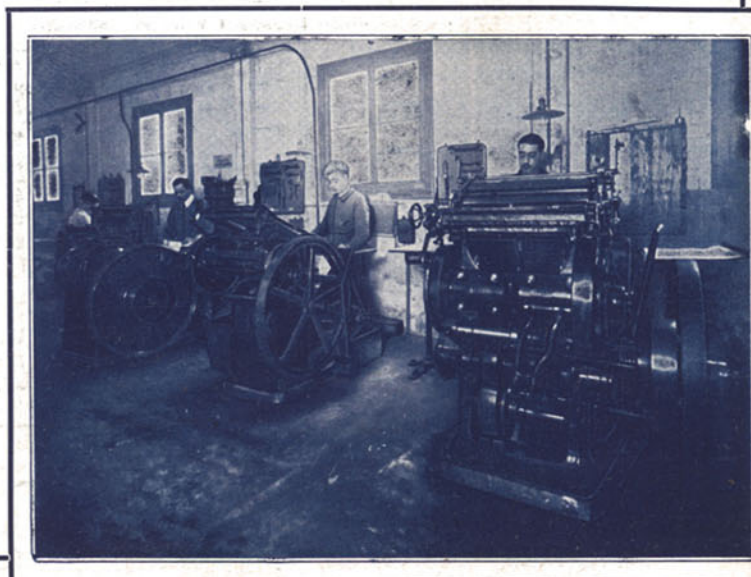
ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão